

A REACÇÃO

REVISTA LITTERARIA

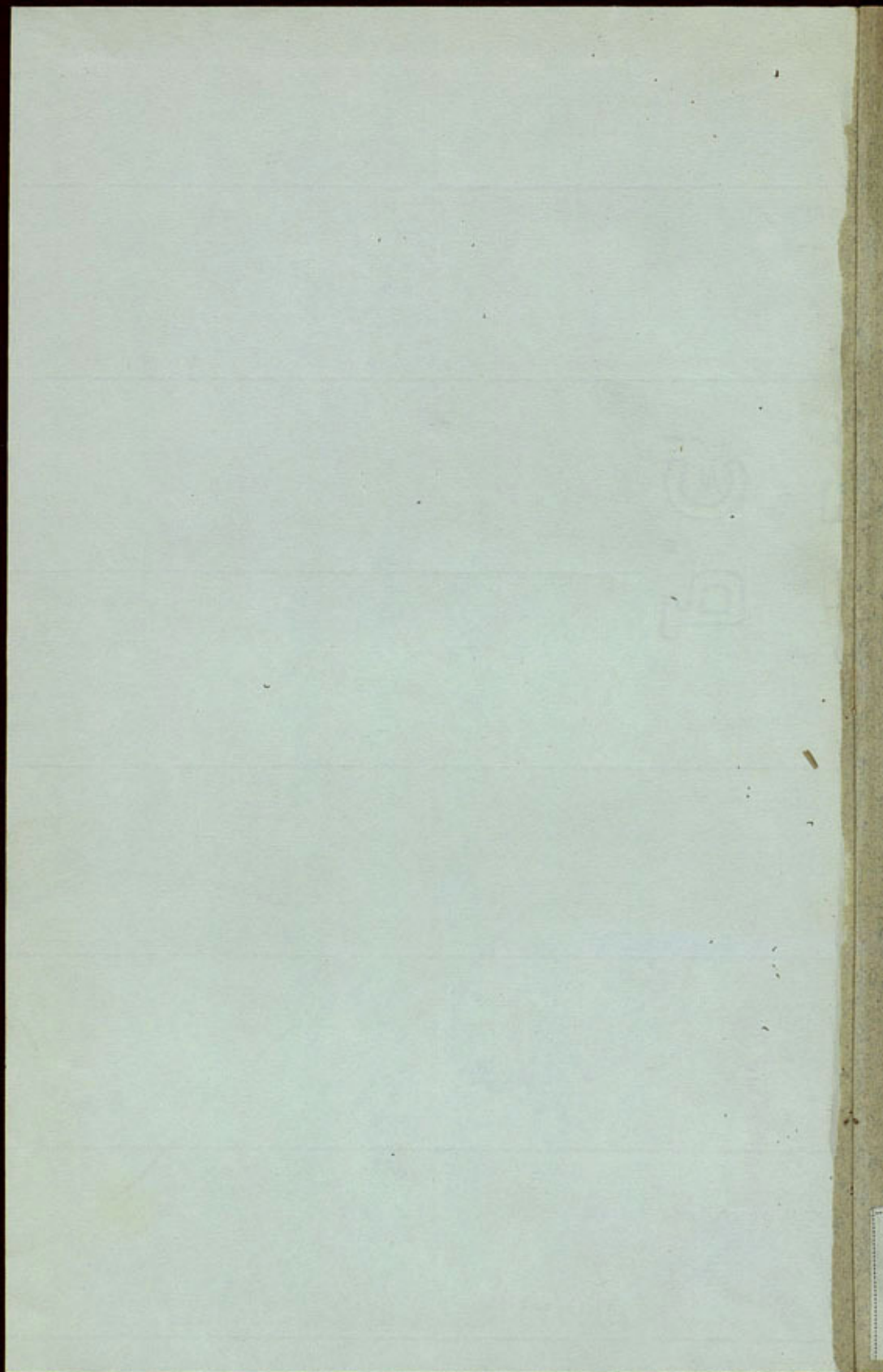
COIMBRA, 1893-94



RP

8

19



Manuel José Figueiredo

AGENCIA DE JORNAES

16 - RUA DE BORGES CARNEIRO - 18

COIMBRA

A REACÇÃO

REVISTA LITTERARIA

«AUSSITÔT QU'IL Y A DE L'ÉCOLE DE QUELQUE
CHOSE, CE QUELQUE CHOSE N'EST PLUS VIVANT.»

1.^a Série — N.º 1 Director: — Gustavo Santiago

NOVEMBRO, 1893

SUMMARIO :

Onze da noite — GUSTAVO SANTIAGO
A ultima semana do Advento — CARLOS DE LEMOS
Riso e Chôro — GUEDES TEIXEIRA
Prologo (Do «Alva») — ALBERTO PINHEIRO
«Drama Antigo» (Poemeto de M. Alves) — GLAURO.



4935-c

COIMBRA — Typ. de Luiz Cardoso, Sophia, 10 e 12.

Sala	RP
Gab.	
Est.	8
Tab.	
N.º	19

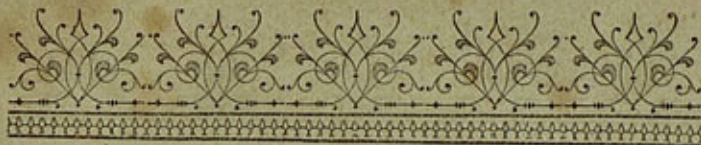
O NOSSO PROGRAMMA



«A Reacção» propõe-se quebrar a apathia do nosso meio litterario, fazendo sahir das pastas o que de bom n'ellas haja, que o ha. É pois, uma reacção litteraria, unicamente hostile ás ideas más, ou melhor, á falta de ideas.

Accolhemos de braços abertos todos os talentos e atacamos, na medida das nossas forças, todas as nulidades.

É este o nosso programma: empenharemos todas as nossas energias para que «A Reacção» o cumpra fielmente.



ONZE DA NOITE



Ao Mario Alves

Onze da noite. Effervescente estoura
Em ondas o champagne: outra vez cheios
Chocam-se os copos... Bellos os teus seios!
Como seduz a tua carne loura!...

Mórbida, dessa morbidez moura
Que se traduz do leque nos meneios,
Mulher sublime, causas-me receios...
Tremo de ti, da tua carne loura!

Quando no leito, tremulo, celestes,
Languido, como um corpo de serpente,
Esse teu corpo de alabastro vejo,

Ouço a razão que diz: «Enfim, venceste!»
E o coração em voz triste e plangente:
«Tenho saudades do primeiro beijo!...»

GUSTAVO SANTIAGO.



A última semana do Advento



Ao Guedes Teixeira

HOMENAGEM AO POETA E AO AMIGO

Vox clamantis in deserto:
Parate viam Domini.

MARC. I—3.

Poetas: em boa verdade vos digo que um vento de Cegueira passou pela Cidade... Reina o Cahos; noite dos Espiritos: peor que noite dos Olhos!

Mas a Desolação está no seu fim. Mais uma semana d'annos: e o que é não será; e será tudo novo como uma creança que acaba de nascer...

Poetas: se não tendes crepudina, como sapos, mas alma, como homens, erguei-vos ao Sol que nasce!

Almas: — sois Astros; mas não Astros acronycos.

Ante a gloria do Senhor, como Ezechiel nas margens do Cobar, até o Agonyclito ajoelha...

E a Aurora d'um novo seculo o que é pois, senão uma Visão de Damasco?!...

Seja-lhes tumulto o Nebo; mas amortalhe-os o sol da Terra Promettida.

Anteviram-a: logo gosaram-a; mais e melhor, que os que a viram.

Sonhar a felicidade é já uma felicidade; a felicidade sonhada é uma felicidade real.

Aos que libertam a Vida, só pôde libertal-os a Morte: libertal-os; quer dizer: deifical-os.

Sinto-me Deus: — exclamou Hercules sobre o Etna; e as Chammas dobravam-se-lhe em Altar.

Que fôra Hercules?

Um Libertador.

O Poeta é o Hercules da palavra: o Verso é uma Clava.

Um poema é uma carta d'alforria; e, ao mesmo tempo, uma voz de commando: alguma cousa como o *surge et ambula* do Christo...

Orpheu fazia andar pedras: que muito que o Poeta faça andar homens?

Deucalião fazia das pedras homens: que muito que o Poeta faça dos homens deuses?

Deuses; isto é: bons.

Não é Deus a Unidade?

E não é a Unidade o Bem?

Ora o Bem é o Bello; e o Bello é a Verdade.

Assim o Poeta, pregando o Bem, realisa o Bello e descobre a Verdade.

E' que o Poeta é a Columna de fogo: enxergam-lhe a face luminosa os que teem olhos para ver. Moysés, com as Tabuas da Lei nas mãos, tinha na fronte uma estrella...

Moysés foi um Poeta.

* *

... Com razão lhes chamaram Vates: a Poesia é uma Prophecia.

É-o?

Se o não é, deve sê-lo.

Precursores—os Poetas são os que vão adeante: os que vão desbravando o Caminho...

Para onde?

Para o Ideal: o Ideal não é mais que a miragem da Realidade longinqua. As quimeras d'hoje são as verdades de amanhã.

Sonhadores: dizem os que fallam.

Não; Videntes: dizem os que pensam.

D'olhos fechados, vêem.

Que vêem elles?

A Alma; isto é: Deus.

Ha uns sonhos que são reminiscencias; outros que são presentimentos; estes e aquelles prophecias. O Passado fecunda o Presente que gera o Futuro.

A Alma do Poeta é um Thalamo: o Eden dá o beijo esponsalicio nos labios da Canahan...

O Epithalamio termina em Genetheliaco.

Como nos Vedas, o Hymno é o Principio de tudo.

Principio?

Mais: Principio e Fim: — alpha e omega.

O Verbo cria: *fiat!*

Dei á luz o mundo: — dizia a inscripção da estatua de Isis. Tal deve ser o epitaphio dos Poetas.

Fallara com Deus? não; fallara com a sua Alma. Onde? nas Alturas: a Alma do Poeta é, já de si, uma eminencia.

Porisso elles vêem longe: é que olham d'alto.

Porisso elles vêem bem: é que teem o Céu mais perto.

Vêem.

O que vêem elles?

A Luz que os chama.

A Luz que os acompanha vêem-a os outros.

A subida é uma attracção: a descida uma irradiação.

Antes e depois, um deslumbramento.

A Luz que os attrahe é a Fé; a Luz que os acompanha é o Conhecimento.

Depois de terem crido no que ignoravam, descrêem d'aquillo em que creram, para crerem no que já conhecem.

Homens de coração: por consequencia, crentes.

Porisso o Poeta é um Forte: fé e vontade é tudo um.

Homens de pouca fé: — dizia o Christo para os Bateleiros que a Tempestade tornara inertes.

Paz aos homens de boa vontade: — cantavam os Anjos aos Simples que ajoelhavam ante o Messias.

Porisso a Fé transporta montanhas.

Não descobriu Colombo um mundo?

Porquê? porque tinha fé. Fé; isto é: — olhos para ver o Ideal.

Idealistas portanto?

Sim; porque o Ideal não é o contrario do Real; mas o Real purificado: disse Hegel.

A Arte é um laboratorio: o que busca o Artista? a Pedra-philosophal; quer dizer: o Mundo-Novo.

Assim deve ser pois, a Poesia: não é semeando joio que se recolhe trigo. O Futuro é o grão do Presente centuplicado.

E o Poeta é o Homem do futuro...

Porisso elle olha sempre para deante. Ai de quem olha para traz!

Por voltar os olhos para a Pentapole que ardia é que a mulher de Loth ficou estatua de sal.

Regressão quer dizer esterilisação.

Ao sahirem da Cidade do Mal não sacudiam os Prophetas o pó das sandalias?

Os idolos de Labão tornaram mentirosos os labios de Rachel...

E nos labios do Poeta mora a Verdade...

... Porque só a Verdade é bella!

Olhos fechados para o fogo do Exterminio: olhos abertos para o fogo da Inspiração.

N'um Cenaculo ha sempre o Pentecostes.

O Pentecostes é a antithese da Babel.

Antithese e antidoto.

Porque a Babel é a Confusão: e a Poesia é a Harmonia...

* *

Poetas: em boa verdade vos digo que um vento de Cegueira passou pela Cidade... Reina o Cahos; noite dos Espiritos: peor que noite dos Olhos!

Mas a Desolação está no seu fim. Mais uma semana d'annos: e o que é não será; e será tudo novo como uma creança que acaba de nascer...

Poetas: se não tendes crepudina, como sapos, mas almas, como homens, erguei-vos ao Sol que nasce!

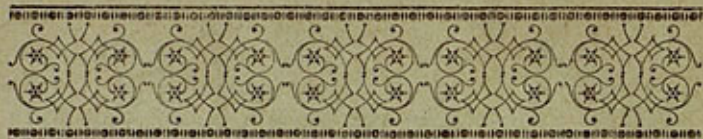
Almas: — sois Astros; mas não Astros acronycos.

Ante a gloria do Senhor, como Ezechiel nas margens do Cobar, até o Agonyclito ajoelha...

E a Aurora d'um novo seculo o que é pois, senão uma Visão de Damasco?!...

CARLOS DE LEMOS.





RISO E CHORO

— 1 —

Nos meus labios o Riso abre uma Flor de Sangue,
— Cacto espiritual com raizes no peito—.
Como é que pôde rir quem tem a Alma exangue?...
Vem suja a minha Voz do meu pulmão desfeito.

Cae-me o esmalte do olhar : nos meus cabellos neva :
Seccam-me na lapella os jasmins do Sentir...
E' um descante que vae p'ra Senhora da Treva
De loiras Illusões e Astros a tossir !

Dissecae, dissecae esse meu Rizo comico !
No meu choro que eu ouça os sinos a dobrar :
E a minha Alma que vá p'ra o marmore anatomico.

Mas não pôde o Escalpello o meu riso extinguir !
Se me vejo no espelho, encontra o meu olhar,
Petrificada em choro, uma caveira a rir !

I I

Lgrimas do Poente e crispações da Tarde
Tombam com somnolencias vagas de soffrer :
Morde-me o Vento : o Mar aturde-me : e o Sol que arde
Ensanguenta-me os pés em vez de os aquecer !

Chora o meu Riso e canta o meu Choro imprevisto :
Contas de vidro o pranto ; e o Riso aberto á faca ;
Como um bobo que vista o sudario do Christo
E se ponha a chorar á porta da barraca.

Antithese cruel que me embala e fustiga,
Como um lirio na mão d'uma mulher impura,
Como um manto real n'uns hombros de mendiga !

Se não houvesse o sol, não existia o frio . . .
— Ha cantigas na Treva e Risos na Amargura ! —
Eu vivo porque choro : e choro porque rio !

GUEDES TEIXEIRA.





PROLOGO

— A —

(Do — ALVA)

I

Tudo agora que é branco, se dilue em torno a mim, velho doente. Reina um silencio de sepulchro, cortado a intervallos pela tosse pallida da minha Alma anemica. Abro, com ancia, a janella do meu gemente Hospital, onde a Suggestão traja de viuva, desfolhando flores sobre o esquife do meu Sonho, que ha pouco morreu, com mão mirrada e humida, cheia de saudades. Estas têm o paladar excitante de cadaveres mutilados em luctas do Sentimento: o cheiro emolliente do sangue de noviças violadas e lembram estertores de moribundos, que sabem o que é a Vida. O ceu esbate-se logico, em fluctuações raras, ennevado por flocos brancos de mysticismo duvidoso e d'Artista, que parecem pedaços de Luar que por escarneo cahissem na minha Alma. O sol não tem côr, pois são velados pela doença os olhos, com que, morto de fome, o fito. Os seus raios lembram-me projecções de Resplendores em vielas de lodo, que eu,

para atravessar, tenho de cobrir o olhar, que se enoja e estremece de horror. As folhas cahidas pelo phtysico outomno são Illusões, Crenças que viveram vivas em mim, Commoções que desapareceram pullando luminosamente ás gargalhadas, punhado de flores que murcha, Nostalgias morbidas que carregam a côr negra do meu pensar, Desalentos e macerações crueis do meu Sentir, que se abre então em cardos e frescas flores d'um Lupanar azul. As florescencias vagas synthetisam, para mim, blasphemias a Virgens, que solta a bôcca defumada e brutal d'um histrião, requintando o seu goso no seio d'uma prostituida. As convulsões do Praser são os elos d'uma cadeia ingloria, que symbolisa uma phase hysterica da minha vida de nevrotico.

Ouçõ sempre, lugubres como estatuas de Morte, os Choros e Lamentos que são um bisturi metallicamente implacavel a esfarrapar andrajosamente a minha triste Alma. As Sensualidades fizeram murchar quasi a flor do meu Sentir e eu ia-me estiolando, estúpida e ignobilmente, cahido n'um leito mau d'uma Volupia cancerosa. As hemoptyses eram frequentes: e no sangue que cahia em fio, eu via pedaços de Virtude apodrecidos, restos de Virgindade, rosas da Innocencia, lodo, lama e as imprecações bizarras das minhas horas mais crueis. Adormecia ás vezes acalentado pela lembrança amiga e fiel d'essa Freira, que eu então invocava cheio de fé, pois sabia que os seus dedos, finos como espinhos e puros como menina da Primeira Communhão, acariciavam um rosario feito de pedaços de espuma do mar da sua Pu-

reza. Recahia na Duvida, a eterna Duvida, cheio de terrores ao Infinito e a Esperança partia rapida, não me afagando sequer com um sorriso de adeus. Luctas colossaes se travavam dentro em mim: e em horas de maior febre eu tinha movimentos de revolta, que eram depressa amortecidos pela fraqueza propria, neurasthenica e afflictiva, que me vae desfazendo. O theatro anatomico abre-se: e eu vou escalpellido, friamente, a Alma d'hoje, alma de duvida, de disequilibrio, o eterno oscillar entre sentimentos oppostos. O Paradoxo revigorava-me, enchia-me momentaneamente de vida, mudava o vestido do meu pensar, e eu só desejava, como ainda desejo, o ceu de Beaudelaire. Este, o meu Amigo, o meu Irmão, ensinou-me a cuspir na lama e a apedrejar a Banalidade.

Mas a revolta esmorecia rapida. Continuava escapellando dolorosamente a Alma moderna, com esse bisturi afiado na observação que me enoja, mas me deleita, e no Sentimento, que é a herança mais alegre e mais triste, e na Arte, que é a vida da Alma, unica que conheço depois da Innocencia. Esta confundira-se em vibrações de sonhos maus, inspirações podres de se revolverem em labios roxos, desejos do Escarlata, infernos do Affecto. A Arte appareceu-me triumphantemente, qual Cathedral em festa, apontando-me um caminho largo e que se estendia até longe. Eu vou-o percorrendo impaciente, firo-me por vezes nas urzes que se escondem debaixo da relva azul e abrem-se de continuo precipicios diante de meus passos mal calculados. A estrada tem um certo perfume de Virgindade em flôr, sons harmoniosos de

danças de Eleitas em noites de maior dita, scintillações de Alegria-cathedral, cantos de romeiras frescas e virginaes, carregadas de saude, brancos relvados feitos de beijos de creanças, arvores splendidamente verdes em que se penduram beijos das nossas mães; luar onde se arrasta fluido o encanto dos olhares da mulher Amada; fascinações puras de Illusões artisticas, em que comtudo eu oiço ao longe, pessimista sempre, soluços de agonisantes e o ramallar dos cyprestes da aldeia em que nasci. A Paz é cortada pelas realidades effectuadas, miragens desfeitas, profanações do Luar, polluições de Virgens, blasphemias a creanças. Fin-de-siècle, a observação chamava-me e eu fui dissecar a minha Alma. Esta, tinha-se, morta, evulado para longe e eu fui encontral-a anichada á sombra d'um claustro medieval, sonhando amores mysticos e mysticismos de Santos. Consegui rehavel-a. Ah! a tendes: mostro-a, cheio de sinceridade e bons desejos, em paginas de prosa que torturei. O Livro é isto: é a minha Alma estudando-se e estudando a dos outros: é só a Alma, que é o choro, as amarguras bebidas em taça de ouro e pedrarias, as chagas, com que me ulcerou a vida, pedaços de Dôr colados em fundos de Desalento. A vós, Almas que vos abris n'um constante sorriso de paz; almas que habitaes serenas os corpos das ceifeiras, em noites luarentas; almas felizes que não sonhaes que a Vida é um nunca acabar de dôres; almas da côr do linho que cobris com a vossa alvura as podridões que encontraes; almas sãs que desconheceis a nevrose; almas de borboletas que tremulam sobre arvores em flores; almas para

quem a cerração é uma eterna luz; a vós almas santas que só achaes bonita a *via lactea* e não vedes no pôr do sol, senão um simples phenomeno natural; almas para quem o sonhar é um desconforto; almas irmãs das guitarras, que trinam sentidas pelo seu amor — a vós o meu livro, a vós a minha Alma.

ALBERTO PINHEIRO.





DRAMA ANTIGO

— 11 —

(POEMETO DE MARIO ALVES)

Ao molde de critiqueiros vulgares, no dessoramento ridiculo de theorias abstruzas a que se apégam, ou forjam, na falta de fundo — sobre o *Drama antigo* de Mário Alves eu poderia agora bordar balôfa adjectivação, a confundir apreciadores e leitôres, na acceitação tacita de tudo que lhes não entra em competencia. Não o faço, por isso mesmo que me julgo obrigado a expender juizo claro e consciante.

Sem as originalidades burlescas de *silvas exotéricas para os raros apenas, combojos que passam*, a symbolisar a vida, e quejandos, o livro em questão póde não accentuar definitivamente a individualidade litteraria do seu auctôr, mas incontestavelmente conquista-lhe logar saliente entre os melhores lyricos da nossa lingua, nos últimos tempos.

Trabalhado com a facilidade *junqueiriana*, se consentem o adjectivo, o alexandrino, que é dos

de mais difficil composição, torna-se soberbo e admiravel de valôr naquella meia duzia de páginas.

Moldando-se ao pensamento de Mario Alves, canta quando reveste o amor; chora, se um passado, então longinquo, com as metempsychoses diversas e proprias de sonho azul, se lhes apresenta, aos personagens do drama! . . .

Por vezes, vibrando arrependimentos tardios, a tocar de perto, fibra por fibra, a alma crente, como que nos mostra, em toda a sua nudez, o quadro que o auctor se propoz desenhar-nos. . . .

Procurando traduzir unicamente o que sente, por isso que se afasta de escolas, comprovando assim Eugéne Veron — quando diz ser verdadeiro artista o que exprime quanto sente, sem procurar armar ao effeito, Mario Alves merece quanto se lhe dita de encomiastico, pois que o verdadeiro merecimento nunca se deixa levar por *cantigas*.

Nossos agradecimentos.

GLAUBO.

M



CORREIO

Sr. INTRUSO — Que V. S.^a se admire do silencio guardado até agora pelos illustres representantes da MODERNA ESCOLA, vá.

Mas que, volta e meia, nos esteja para aqui a incomodar com perguntas e mais perguntas, «QUANDO SAHE «A REACÇÃO?»», «ENTÃO, APARECE OU NÃO APARECE?» — isso, francamente, é que não comprehendemos.

Pois, se não annunciámos, se não fizemos pregar cartazes nas paredes, se não espalhámos listas de assignantes, senão com quatro dias de antecedencia, como é que V. S.^a já nos anda a importunar, vae para mez?...

Ora, Sr. INTRUSO, outro officio... ou melhor: á outra portal

Sr. H. V. C. — O seu soneto «MORTA», se não fosse um plágio medonho de algo que conhecemos, e com o mesmo titulo, com certeza o publicavamos, mas sendo... tenha paciencia, não!...

E depois, o Sr. mesmo deve ver que isso é feio... roubar, sem mais nem menos, o trabalho alheio...

Oh! seu coiza, deixe-se d'isso!...

Sr. M. C. de M. — Se a sua poesia «A UM ANJO!» não estivesse tão inçada de AIS! — não a inseriríamos, talvez, no presente numero, mas no seguinte, á certa.

Assim, porém, como ella está, não pôde ser; cahiriamos no desagrado de certos criticos, ocasionando-lhes calafrios...

Na nossa opinião essa interjeição é inoffensiva, mas, que quer o amigo? somos do numero dos MEDIOCRES, fazemos parte de SYNDICATOS, e, portanto, é acccitar, caladinhos, caladinhos, quanto vem dos INTRANSIGENTES e dos MESTRES — (!!)

Sr. PANCRACIO DA CUNHA — Pergunta-nos V. S.^a quando publica o poeta Solidonio o seu segundo livro. Consta-nos que o tem bastante adeantado já e que lhe porá o seguinte titulo bastante sug-

gestivo:— 2

O que é o — 2 — dizem-nol-o os seguintes versos com que abre o volume:

«Os dois somos nós dois: — eu mail-A que eu pedia,

«Em cartas da Grelheira á minha boa tia...

«Alleluia!

«Este livro celebra a nossa Epiphania,

«Mail-a Preparação p'ra tão solemne dia...

«Alleluia!

«.....»

Não levamos mais longe a nossa indiscripção. Se quizer saber o resto compre o Livro, quando sahir.

A REACÇÃO



*A publicação d'este jornal é indeterminada.
As assignaturas, só acceitas por série de 12 ou
24 numeros, são pagas adiantadamente, e de accôrdo
com o que segue:*

<i>24 numeros</i>	<i>1\$000</i>
<i>12 numeros</i>	<i>500</i>
<i>Avulso</i>	<i>50</i>

*As paginas seguem-se em ordem de numeração
para que cada 12 numeros constituam um volume;
este terá uma capa e frontespicio a côres, cujo preço
fixar-se-á com a devida opportunidade.*

*A responsabilidade de todos os artigos publica-
dos na «A Reacção» é unica e exclusiva de quem os
assigna.*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
ESTRADA DA BEIRA
COIMBRA

Sa
G
Es
Ta
N

A REACÇÃO

REVISTA LITTERARIA

«AUSSITÔT QU'IL Y A DE L'ÉCOLE DE QUELQUE
CHOSE, CE QUELQUE CHOSE N'EST PLUS VIVANT.»

1.^a Serie — N.º 2 Director: — Gustavo Santiago

/DEZEMBRO, 1893/

SUMMARIO :

Amor de artista—MARIO ALVES
O «Morte-em-pé»—JOSÉ SARMENTO
Do «Evangelhario»—PINHO D'ALMEIDA
Alma—RODRIGUES DAVIM
Aos que me lerem—GUSTAVO SANTIAGO.



4936-C

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

COIMBRA — Typ. de Luiz Cardoso, Sophia, 10 e 12.

AO PUBLICO

Intimamente rejubilados com o exito obtido pelo nosso primeiro numero, a ponto de nos vermos obrigados á tiragem de mais 400 exemplares, em 2.^a edição, é do fundo da alma que hoje fazemos publicos os nossos agradecimentos, não só ao povo coimbrão, mas ainda, e principalmente, á «Universidade», que mais uma vez comprovou assim as suas nunca desmentidas galhardia e benevolencia para com todos os que principiam, e se batem por um ideal definitivamente honesto.

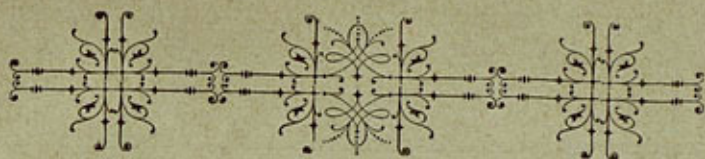
Das muitas irregularidades havidas só nos cumpre pedir desculpas; e essas não nos serão recusadas, visto o tempo de que dispuzemos, e a pouca experiencia.

NO N.º 3

começar-se-á a publicação de uma série de artigos do nosso presado collaborador Alberto Pinheiro sobre o «Symbolismo», de que é sectario.

ERRATA

No artigo do nosso collaborador, Carlos de Lemos, publicado no 1.º numero d'«A Reacção», sob o titulo «A ultima semana do Advento», houve um descuido na paginação, devendo passar-se da 1.^a pagina para a 3.^a, da 3.^a para a 2.^a, e da 2.^a para a 4.^a



AMOR DE ARTISTA



Amas... E eu creio que a paixão que nasce
N'um coração de artista, immenso e grande,
No verso rendilhado é que se expande,
Na rima é que palpita e que renasce.

E embora a vida sensual te mande
Ter sempre prompta para o beijo a face,
Não ha sorriso alegre que esvoace
Quando o sangue no corpo explode e brande.

E por isso sorris, sorris, mas triste
O teu sorriso, como lança em riste,
Fere-me em cheio o coração, mulher!

Emquanto nos teus lábios purpurinos
Ha rimas musicaes de alexandrinos,
E risos de quem sabe o que é soffrer!...

MARIO ALVES.



O MORTE-EM-PÍ



Elle tinha um odio pela vid'airada que os outros levavam e concentrava-se n'um silencio damninho e vesgo, cheio de intenções vibrantes de revolta assomada. Sempre de corrida, afilava os olhos ás vitrines dos confeitheiros — pasteimilhos a pingar natas, ricos bolos cobertos, fatias verdes de cabaço. E quando passava á rua das mulheres, coçado e esguio, sem audacia, dentro do frak esbeçado p'ras bandas, tinha lubricidades de rapaz engaiolado e olhava-as em cheio, com qualquer coisa de bestial e de furor na pupilla dilatada.

Havia de ser rico, um dia. E toda a cambada feliz que abancava pelos cafés, com risonhas garrafas atascadas de licôr, era para esse desesperado uma bofetada tilintante que lhe atrassem ás bochechas.

Ninguem gostava d'elle. Magro e amarello, com a barba pespontada de claros, os olhos n'um fundo, a testa pequena e rasa, sem cantoneiras, davam-lhe um tom de dolorida amargura, com quebrantos d'alma, e sem vontade propria. Mas

se na rua uma mulher bonita passava, froufrounando sêdas, evolando no ar um acre perfume de cocotte, o seu olhar tinha faiscações de libidinia e ia 'té perscrutar-lhe os gommados da saia, as rendas da camisa bordada, o alvo colo, toda a delicia d'um afogamento d'amor.

Ninguem gostava d'elle . . . A sua pessoa era, nos agrupamentos, uma *scié* enfadonha e casquinada. Se conversavam, calavam-se mal que elle apparecia, arrastando miseria. E era tão desasturado que no cumprimentar uma mulher tinha o sorriso equivoco de estar fallando a uma *rôdeuse*.

Tinha uma raiva surda ás creanças. Se as pilhava no escuro, longe d'outras vistas, dava-lhes beliscões pelos braços, pela cara, n'uma furia insensata, babando-se de goso, e revirando os olhos n'uma persistencia atroz.

— Hei de vingar-me! dizia.

Não se vingava, fazia mal a si mesmo, porque a compaixão fazia d'elle, deixava-o n'um vasio deslador, sem um affago.

Conheci-o n'um café da Mouraria. A deshoras, a sua silhouette adunca desenhava-se na vidraça da porta, estendendo-lhe as linhas da face, n'um hilariante alastramento de feições, comico e burlesco. Das mezas apinhadas atiravam-lhe chufas.

— Olha o *Morte-em-pé!*

— Trazes licença do coveiro p'r'andar cá por fóra até tão tarde!

O *Morte-em-pé* sorria e encolhia-se a um canto, a beber ginginha, que elle tomava, com a lingua em concha, dando estalidos.

Mulheres de seios bamboantes, puxados p'ra cima dos corpetes n'uma saliencia obscena, batiam-lhe nas coxas magras, diziam-lhe graças que elle bebia soffrego, escorregando a mão por sob a meza.

Mas quando elle, accezo em gula, as puxava p'ra si, para a posse, desviavam-no, davam-lhe lambadas pelas costas, pelas nadegas, n'um assomo d'honestidade ferida.

Descrente e escorraçado, galgava a espelunca, levantando os hombros em bico; chapava gestos indecentes'ás caras prostituídas, quasi tocando-lhes com o punho.

* *

Nunca mais o vira. A minha curiosidade *touriste* das sombrias viellas e dos cafés de lepes passàra, como fumo ao vento. Regrado na minha vida d'amanuense, com confortos e caricias d'um loiro chá, á noite, eu deixàra as vagabundas noitadas, e tinha-me affeito ao silencio da minha casa, como um eremita.

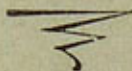
O sol, ao levantar-se, vinha deitar-se na minha cama e aquecer-me. E preguiçoso, enrodilhado nos brancos lençóes de linho que a carinhosa patrôa desferrolhàra da arca, — por ser p'ra mim, dizia ella — eu seguia no alto uma visãõ de vida intima, prenhe de regalos, e de filhos.

O *Morte-em-pé*, lembrava-me eu d'elle? Nem por sonhos. Um domingo, como a minha visinha,

gaiata como um melro, me atirava aos vidros uma poeirada d'areia, vesti-me á pressa e corri á janella. Ella lá estava, na sua *matinée* de tuffos, côr de rosa e linda como a Madona. Pregões cantados subiam, lentos e melopaicos, de todos os cantos da rua; um sapador estendia roupa, debruçado n'um peitoril, com o bonnet p'ra nuca. E n'um portal, vozes altercavam, dizendo chufas que fariam córar um tarimbeiro. Um renque de soldados batia as ferraduras na calçada, escoltando uma leva. Iam p'ra S. Julião da Barra esperar o vapor que os levaria ao degredo. E como o meu olhar somnolento e vago errasse pelo magote dos tristes agrihoados, uma cara espalmou-se no fundo, olhou p'ra mim, e rasgando a bocca n'um sorriso, d'orelha a orelha, atirou-me um adeus.

Era o *Morte-em-pé*.

JOSÉ SARMENTO.





Do “Evangeliarío,,



DO FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

I

Altar em lausperenne — o Céu azul. A serenidade das coisas igual á dos Mortos nos cemiterios. Mater-Dolorosa, a Lua, argentea e sagrada, desfaz-se em lagrimas santas,—tão santas, como as de Agar no deserto. Em roda, os Astros, como anjos ajoelhados, contemplam-A. A orgão —o vento soluça nos arbustos esqueleticos — os Rouxinoes trinam Psalmos d’amor e entoam, graves, o Evangelho da paz eterna . . .

II

Festa em palacio . . .

Fulgem constellações em tranças côr de noite. Cólos nus d’uma alvura de espuma. Aromas illyrios, n’uma Ascenção extatica, evolvem-se no ambiente — particulas d’alma perfumada. Pés ado-

ravelmente calçados em sapatinhos de Cendrillon, escorregam, n'um rythmo brando, sobre o soalho polido.

Murmurios confusos; risadas crystallinas. Comprimem-se, na dança, crispadas de volupia, mãos aristocraticamente finas, iriadas de aneis tremeluzentes. No crescendo da orchestra ouvem-se ainda corações palpitar. Em olhos de Virgens, o Amor, loiro e rosado, sorri gososamente.

Ama-se: canta-se: folga-se: ri-se:—vive-se.
A Vida...

III

Na rua um mendigo. Todo uma ruga o rosto. Longas barbas espessas lembram lilazes brancos que o vento um a um fosse arrancando. N'aquella noite fria, de outomno, o Luar faz de mortalha: mal lhe escondem a magreza medonha do corpo os farrapos velhos:—velhos, tão velhos como o velho que elles cobrem... De membros regelados ali fica, junto ao muro, entorpecido e quedo.

A Fome: alforge vasio; e contra elle a Natureza inteira. Soluça: amaldiçoa: cala-se: depois, estorce-se:—morre.

A Morte...

IV

Como depois d'um baile, fatigadas, as Estrellas adormecem. Castellã do Azul, a Lua, preguiçosa e lenta, desapparece no arminho d'uma nuvem...

A Aurora vae diluindo Tudo n'uma alacridade opalina. Em bandos muito rentes do chão, azitas pandas, Andorinhas mancham o fundo azul esbatido do céo, em Alleluias vibrando. . .

Gloria. O Sol desfralda, ao Largo, a tunica d'oiro na munificencia e na magnificencia d'um Rajah. . .

v

Lucta pela vida. Por entre as messes loiras —papoila rubra— uma rapariga canta: talvez amores. . .

N'um angulo da estrada, junto ao muro, um cão lambe o cadaver do mendigo já frio:—inteiriçado.

PINHO D'ALMEIDA.





ALMA



I

Isto que dentro em nós se inflamma e se revolta
em presença do Mal; isto que se entristece
em momentos de dor, e é tempestade solta
em rouco vagalhar, ou é virginea prece;

isto que eu sinto aqui dentro do craneo em chamma,
isto que ruge aqui neste meu peito ardente,
como um jorro de luz num lampadario-lama,
ou como o oceano irado a uivar lugubremente;

chamam-lhe os sabios Alma, a velha prisioneira,
que ás vezes quer partir a fria gargalheira
e voar e fugir ao plaino azul dos ceus,

e que outras vezes mansa, envolta em luar d'amor,
beija a propria prisão e esquece a propria dor,
como se inda dormisse alem nas mãos de Deus.

I I

Tem Alma a branca flor do prado que perfuma
a cupula do templo em dia de noivado;
tem Alma, quando rompe a cerração da bruma,
o Sol aurifulgente, a rir apenas nado.

Tem Alma a nivea pomba agasalhando o ninho,
a Noite silenciosa, o Mineral, a Planta,
tudo tem Alma, tudo, e é doce como o arminho
ess'Alma Universal que a Deus a voz levanta.

E deu-lhe Deus ess'Alma á pomba para amar,
á Flor, á Noite, ao Sol, á Estrella a scintillar
a alegria, o amor, o riso a cada ser;

e—ironia cruel! sarcasmo que revolta!
poz-nos dentro do seio em tempestade solta,
eternamente escrava, um' Alma p'ra soffrer!

Coimbra, 1893.

RODRIGUES DAVIM.



AOS QUE ME LEREM



Não é resposta ás *criticas* descabelladas, feitas, á certa, por suggestões de *mouraria*, caracterisadas pelo facil de qualquer dinheiro, o que me impelle ao escripto destas linhas.

Seria, não só faltar ao respeito que me devo a mim proprio, em primeiro logar, mas ainda ao compromisso tomado com o publico de moralidade no meu proceder.

Calou-me por demais no animo a fórma entusiastica por que foi recebida a minha revista, para ligar importancia a quem a não tem, perder tempo com a analyse de *fétos* laboriosos, emfim, descer da minha dignidade de homem, a rebater dichotes de garotos, embora avermelhados por uma idéa.

O que isto significa, o que resumbra, ou pelo menos, pretendo que resumbre de quanto digo, é unicamente, simplesmente satisfação aos que me lerem de incoherencias que não existem.

Ou que innata me seja a idéa de reagir contra tudo que representa paralysação, inactividade, ou então que alguma leitura de livros, que considero bons, me tenha insufflado essa idéa, o caso é que, logo á minha chegada a Coimbra, e isto foi em principios deste anno de 1893, fiz sentir aos amigos Joaquim Madureira, P. J. Corrêa Castanheira, J. Telles de Menezes, e pouco depois a Carlos de Lemos, Guedes Teixeira, Domingos Cardoso, e creio ainda que ao sr. Carlos de Mesquita, a má impressão recebida ao saber que, numa terra quasi de estudantes, jornal academico algum havia, *club* algum existia, onde se reunissem aquelles dos poucos amantes das lettras.

A quantos toquei no plano de fundar um jornal, revista, ou o quer que fôsse, que, de alguma fórma, accentuasse lá fóra a vitalidade intellectual de Coimbra, ouvi, pouco mais ou menos, a mesma resposta :

« Bem mostra V. que não conhece este meio ! »

Bem pudéram taes respostas encobrir desconfianças do meu pouco valor.

Entretanto, curto espaço de tempo decorrido, combinamos, eu, J. Madureira, J. Telles de Menezes e Carlos de Lemos, reunir alguns rapazes de talento, e assim, formar-se um *club*, cujo principal intuito fôsse a manutenção de revista, nas páginas da qual figurassem todos quantos a aptidão mostrasse dignos de tal.

De facto, em breve declarou-se installado esse gremio, que, apesar, e não preenchendo os fins visados por nós, houve por bem dispensar-nos álguns, occasionando a retirada doutros, que por so-

lidariedade, por conseguinte *coherentes*, não podiam continuar.

Eu fui do número destes; bem ou mal, o meu passado aconselhou-me esse passo.

Mais tarde, e estando nós, eu e Madureira, quasi resolvidos a novo tentamen, fômos procurados pelo sr. Carlos de Mesquita, que nos noticiou a proxima apparição da «*Revista Nova*», para a collaboração da qual contava comnosco.

De bom grado, e com o enthusiasmo que me peculiarisa nisto de cousas de arte, accedi para logo, compromettendo-me até ao que me fôsse possível para o exito do novo periodico.

Appareceu a «*Revista Nova*», e nella um artigo em que se analysava menos imparcialmente o livro «*Miragens*», de C. de Lemos, não tendo trepidado o auctor em tentar, sobre futil pretexto, amesquinhar o mérito de Guedes Teixeira.

Ora, em taes circumstancias, figurando na referida revista uma composição minha, e já tendo eu emittido opinião justa e favoravel ácerca do livro, uma única sahida se me apresentava digna e natural: retirar-me immediatamente da collaboração, posto que esta nem sempre é solidaria—e era o meu caso—.

Si bem que não o manifestei precisamente aos redactores-proprietarios, fil-o, comtudo, e isso ainda por *coherencia*.

Coincidiu não sahir mais numero algum da «*Revista Nova*»; não obstante, a minha resolução cumpria-a.

Intervallou-se aqui periodo de férias, de paz pôdre, que aproveitei na factura de chronicas para

«A *Montanha*», jornal de Trancôso, e versos para outros.

O que se seguiria ábertura das aulas, que papel, o meu, em luctas intellectuaes, que, acaso, se travassem durante o novo anno escolar — ignorava-o, e não o procurava mesmo saber.

Disposto ao emmudecimento para Coimbra, pois abandonára os estudos, sorria-me a esperança de assistir, talvez, a principios de campanha renhida, de que resultariam vantagens.

No dôce enlevo de sonhos phantasticos, parecia-me ver, já de volta, essa mocidade alegre e sadia, que se fôra, a empenhar-se em lucta de gigantes, cada qual com a sua convicção, a bater-se denodadamente, corajósamente pelos seus ideaes, vibrante de enthusiasmo, febril na conquista de victoria! . . . Sonhava . . . idealisava! . . .

Os poetas têm disto: por vezes dá-lhes para endeusar inoffensivas e pállidas burguezas, e vão de *condessas*, *duquezas*, *princezas*, *amadas até anjos*, *cherubins* e mais, outras dá-lhes para sonhar, e criam *des êtres monstrueux, non viables dans l'ordre de la nature*, como o diz Guyau.

Assim, em succeder constante de sonhos que se evaporavam com a rapidez inherente, em vagas idealisações chiméricas de factos a occorrer, os tres mezes de descanso voaram, sumiram na vacuidade do tempo, e novamente me vi em meio das capas que os distinguem, aos estudantes.

O que se iria passar no mundo intellectual coimbrão?

Nada, e muito: a reproducção de scenas já conhecidas de quantos têm acompanhado os diver-

mas ainda, e sobretudo, que a sua carreira litterária o approximava bastante dos nephelibatas, que eu tanto condemnava e condemnou.

Demais, e não reconhecendo, como não reconheço, nos srs. nephelibatas característicos de escola — e num artigo á proposito explicar-me-ei — porque pactuar com elles? . . .

Levado por estas considerações, e tão só por ellas, tratei, portanto, e sempre por *coherencia*, de fundar «*A Reacção*», de *propriedade unica e exclusiva minha*, não para atacar uma determinada individualidade, como se espalhou, mas para *accentuar o merecimento dos que o tivessem e tenham, sem preconceitos fatuos de escolas*, bem assim para reagir contra a apathia que de longe nos vinha assoberbando.

Ora, ver-se no meu procedimento incoherencia, eu que tanto tenho feito por mantel-a intacta, á coherencia, querer-se assacar-me apòdos vis de despeito, vingança, e á companheiros meus, francamente, ou é de cérebro completamente ôco, concedo-lhe mesmo obscurecido, ou, em contrario, de tólo.

Que o fizessem garôtos de rua, conhecidos pelas proezas, vá; mas que, independente de as fazerem, fôssem encontrar acolhida em jornaes, e apadrinhados por *litteratos* (?!), dos quaes a camaradagem não honra muito, litterariamente, isso, com franqueza, em vez de me despertar a energia, a vontade de lhes perguntar quem são e o que querem, provoca-me o riso.

E . . . tenho dito, que a *criticos* futuros . . .

GUSTAVO SANTIAGO.



BIBLIOGRAPHIA

«REVISTA NOVA»—N.º 1—Tomo I.

São directores d'esta excellente e util publicação, agora apparecida em Lisboa, os conhecidos e finos escriptores Alfredo da Cunha e Trindade Coelho, o delicado auctor d'«OS MEUS AMORES»

Inserê «VALVERDE» trecho d'«A VIDA DE NUN'ALVARES», livro do sr. Oliveira Martins, proximo apparecer; um fragmento inédito da «PAQUITA» do sr. Bulhão Pato; um excerpto d'«O POEMA DO IDEAL», do sr. Fernandes Costa; secção «CANCIONEIRO POPULAR»; e «BOLETIM BIBLIOGRAPHICO».

Emfim um numero cheio e bom, conforme era de esperar de tão habéis directores.

«A CONSTRUCCÃO»—Anno I—N.º 1.

Abre com um artigo «SYNTHESE», em que se define como orgão dos Constructores Civis Mestres de obras portuguezes, e publica artigos dos srs. Martinho da Silva, C. Rocha, J. Gomes, e C. Lima.

Usando da velha chapa, julgamos que «A CONSTRUCCÃO» vem preencher uma lacuna.

«NOVA ALVORADA»—Anno III—N.º 9.

Como sempre, Sousa Fernandes (o director) coadjuvado pelo sr. M. Pinto de Sousa (editor) brilhou na publicação d'este numero.

Notam-se composições de subido valor e quando mais não bastasse, era sufficiente o nome de Sousa Fernandes para garantia do cuidado e firmeza que presidem á escolha dos originaes.

«PLUMA Y LAPIZ»—Año I—N.º 34—Barcelona.

Revista de caricaturas, poucas temos visto com tanto chiste e tanta subtiliza no delineado do traço.

No texto magnifica prosa e excellent verso.

«Novos»: revista litteraria, de que é director Henrique de Vasconcellos. Inserê no seu 1.º numero prosa de Armando Navarro, de Henrique de Vasconcellos, de João da Rocha e de Carlos de Mesquita; poesia de Antonio Nobre, Alberto Osorio, Toy e Henrique de Vasconcellos.

De subido valor o artigo de Armando Navarro; um bello estudo o de Carlos de Mesquita sobre Jeronymo Freire, o inditoso artista; no conto de João Rocha algumas phrases suggestivas: a poesia de Antonio Nobre inferior ao que d'elle fôra de esperar; no soneto de Henrique Vasconcellos, um verso bom—o último.

«PEQUENA REVISTA»: um bello esforço de rapazes que, porque começam, precisam, é certo, de conselhos, mas merecem, imogavelmente, elogios. Destaca uma poesia de Luiz Guimarães, que tem, no caminho da Arte, um esplendido Guia em seu Pae, o illustre poeta dos «SONETOS E RIMAS». Que o talentoso academico se não esqueça d'isto, esforçando-se por imital-o.

E mais collegas, a quem agradecemos cordealmente as amaveis referencias e a visita, retribuindo-a a todos.

No proximo numero emittir-se-á juizo sobre o livro de versos «LISBOA NEGRA», que o seu auctor, o sr. Delphim de Brito Guimarães, teve a delicadeza de nos offerecer.

A REACÇÃO



*A publicação d'este jornal é indeterminada.
As assignaturas, só acceitas por séries de 12 ou
24 numeros, são pagas adiantadamente, e de accôrdo
com o que segue :*

24 numeros	1\$000
12 numeros	500
Avulso	50

*As paginas seguem-se em ordem de numeração
para que cada 12 numeros constituam um volume;
este terá uma capa e frontespicio a côres, cujo preço
fixar-se-á com a devida oportunidade.*

*A responsabilidade de todos os artigos publica-
dos na «A Reacção» é unica e exclusiva de quem os
assigna.*

*É nosso agente em Lisboa, á praça
de D. Pedro, 21, o ex.^{mo} sr. Julio Cezar
Vieira da Cruz (tabacaria «Monaco»).*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
ESTRADA DA BEIRA
COIMBRA

A REACÇÃO

REVISTA LITTERARIA

Director: — GUSTAVO SANTIAGO

1.^a Serie

N.º 3

/16 DE JANEIRO DE 1894/

SUMMARIO :

- Extranha — LUNA FREIRE.
Idyllo — COELHO NETTO.
Forget-me-not — DEMÉTRIO TOLÊDO.
Na brécha — CANDIDO PENNA.
Declaração — GUSTAVO SANTIAGO.
«Lisboa Negra» (poemeto de D. B. Guimarães — T. C.



COIMBRA — Typ. de Luiz Cardoso, Sophia, 10 e 12.

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

*Das seus assignantes, collegas
e collaboradores, cumprimenta*

«A REACÇÃO»

Poetas e escriptores brasileiros

Coelho Netto e Demétrio Toledo

Crendo satisfazer uma justa curiosidade, começo hoje a inserir n'«A Reacção» excerptos em verso e prosa, de escriptores e poetas meus compatriotas.

Abro com Coelho Netto, incontestavelmente, o primeiro contista da lingua portugueza, no seu genero, e com Demétrio Toledo, poeta de extraordinario merecimento, ha pouco apparecido, mas que já se vae accentuando e tornando dignos os applausos que começa de receber.

Pois, que elles me perdõem a indiscripção, não levando a mal, entretanto, as justas e merecidas referencias...

Gustavo Santiago.



EXTRANEIA



Essa mulher, formosamente nobre,
Por quem ás vezes o crystal burilo
De rara estrophe — em santa paz, tranquillo;
E cujo plebeismo o olhar encóbre;

Essa mulher tão rica e que é tão pobre,
Que, amando, para o amôr vive em sigillo;
Mytho — incapaz alguem de definil-o,
De humano embora a fórma ao todo sóbre;

Essa mulher... — oh! limpidas estrellas
Que o silencio cortaes das noites pelas
Tristonhas horas!... — escutae! ouvi-me!...

Essa mulher... foi, n'um paiz distante,
— Ditosa, infeliz Patria! — minha amante,
Perdão e culpa d'um primeiro crime!...



IDYLIO

(EXCERPTO)



Vae mar em fóra o tronco. O oceano arqueia o dorso, susta o marulho acalentado voluptuosamente pela carícia das filandras lunares. A natureza sonha. A briza que passa traz a musica das folhas, a cavatina melodiosa dos corymbos e algum pió de passaro, de longe, da terra distante, onde o mar preguiçoso faz, com as espumas cheias de lentejoulas, o estribilho suave do epithalamio nocturno. Ondas, desabrochando, desfiam colares de phosphorescencias e Guanahyra, somnolenta, brinca com as pequenas mãos na piscina oceanica, mãos de neve, remando, exiguas como palmouras de cysnes. Vento prospero bafeja. O madeiro voga, entra na esteira nitida do luar, estremece subitaneamente, augmenta, espadana e golfa um jorro enorme d'agua, empinando o dorso liso, reluzente como um baixio de pedra polida.

Guanahyra assusta-se.

— Socega! diz Anhangá. E' o Leviathan que nasce. E' a antithese do nauplios, essa larva; é o soberano do paiz das algas, o rei dos conti-

nentes de madreporas. De orgulho vive a cuspir borrifos para o alto. A' tona é como uma ilha fluctuante. Mora no fundo, entre os coraes e as perolas, onde se arrastam os monstros luminosos.

O abysmo attrahe o seu olhar. O instincto leva-o a procurar o areal submerso. Vôa! Vôa, Guanahyra!

Anhangá abre então as azas de vampiro — sobe, sobe e, adejando, sob o pallio diaphano do luar, chama pela Povoadora. Guanahyra, de pé sobre o costado do cetaceo, tenta voar batendo as azas desplumadas, o olhar no vulto esqualido e negro do merencoreo Deus, tremula, as mãos unidas, os olhos estillando lagrimãs.

— Anhangá! Anhangá!

— Ala-te! Ala-te, meu amor. E bracejando paira sobre a cabeça da Virgem allucinado, offegante, como um grande corvo sobre um lyrio aberto.

Entanto o colosso, embebido no sereno luar nada, sem ruido, bufando columnas d'agua, pela maciez salina e humida do praino.

De leve Guanahyra sobe, branca como a allegoria do sereno, n'uma ascensão de santa, sem fremito, o ar recolhido e piedoso, como uma visão ascetica de monja. Anhangá estende-lhe os felpudos braços, balançando as azas, emquanto o Leviathan, soltando o derradeiro fluxo de espuma, mergulha abrindo á flor do mar tranquilo infinitos circulos frizados. Os corpos unem-se n'um amplexo languido. Giram no ar e somem-se pelo ar sulcando a claridade alva da noite estrelada — Guanahyra, branca como um cumulus, Anhangá, caliginoso como um nimbus.

— Será tão forte o ruído de meu vôo que assim desperte os passaros dormidos? Não te surprehende um canto?

— É minha voz . . .

— E esse perfume fresco que se expande pelo ambiente, não será das rosas?

— É meu halito . . .

— Creio que as estrelas vieram banhar os corpos n'agua . . . são as estrelas que sobem ou serão ardentias ou lampejos que nos vêm perseguindo?

— O que tu vês, o que tu olhas, são meus olhos, Anhangá.

— E essa aurora rubina que se accendè e desabrocha com frescor de petalas?

— É meu sorriso . . .

— E um refulgente archipelago de perolas sobre recifes de coral, formosa?

— São meus dentes.

— Vem-nos seguindo, desde o mar, minh'alma, uma nuvem de ouro luminosa. Serão stratus que annunciam a madrugada?

— São meus cabellos louros que soltaste e ondeam.

— E esse casal de passaros nevados que tu guardas no colo?

— São meus seios.

— Doce amor! Doce amor!

— Amor?! Eu desconheço e não desconheço. Parece-me que já vivi n'uma fronteira onde existia o amor. E' o arrebol que doura as nuvens? . . .

— Não!

— E' o crepusculo da tarde que embevece?

— Não!

— O Paraíso? o cantico das virgens?

— Não . . .!

— Um dos nomes de Deus, uma das harpas :
a que sôa nas horas de descanso? . . .

— Não! Não sabes o que é. Não se ensina no céo. Deus condemna-o, de certo, porque o amor é uma omnipotencia. Amor é a vida d'alma, o *ser* dos seres; é o sorriso na dor, a luz no escuro. Amar é ter na vida uma outra vida, é ter dois corpos para uma só alma. E' viver sem sentir a morte proxima, é morrer pensando sempre em outra vida. E' ser fraco, é ser forte, audaz, terrivel. E' ver o dia no correr da noite, é ver a noite no correr do dia. E' decorar suspiros e saudades e soletrar poemas nas estrelas. E' ser, como é o sol, o redundante que, quando não vê a terra, chora a chuva. E' ver um nome sempre em toda a parte. E' guardar duas mãos entre outras duas, e aconchegar um peito a outro peito. E' respirar um ar já respirado, sem se importar com o ar da atmosphera. E' fugir, n'um gemido demorado, para os paramos de além do Paraíso. E' gemer de ventura e soluçar de gozo. E' conquistar o eterno Absoluto vendo sorrirem os labios desejados. Amar é não morrer sem ter vivido.

E tudo que nos cerca, Guanahyra, não passa de um coração indefinido. A terra e o céo — eis os dois ventriculos. Ha estrelas que amam outras estrelas, ondas que cavatinam enamoradas, pedras que pensam em outras pedras, arvores que mandam flores a outras arvores como beijos de longe para longe.

Ha fontes que têm amores e que gozam. E nesse profundo pelago ondulante ha idyllos de monstros hediondos. Ha passaros que viajam para acordar no ninho de outro passaro, flores que morrem por não ver abelhas. E tudo ama, e tudo se combina. A vida é um grande amor e um grande odio.

A alma, para amar, torna-se um astro, a alma, para odiar, torna-se espectro. O amor procura a sombra para confidente, o odio busca a sombra para cumplice. Um illumina, outro entenebrece. Entanto o amor é a morte e o odio é a vida. Amar é ser vencido, Guanahyra, e odiar é vencer.

Guanahyra cerra as palpebras cansadas, pousa a cabeça sobre o hombro de Anhangá e, sorrindo e cantando, vai recebendo os beijos sem uma revolta, sem um protesto, excitada pela noite diaphana e pelo marulho constante do grande mar revolto. Amam-se na plena liberdade do ar, rindo beijos com scintilações, sob a umbela nupcial de um hallo de ouro.

O céo empallidece. Somem-se as luciolas fulcites. Taciturnas florestas e mares adormecidos sonham. Esvoaçam no entanto os dois amantes, n'um rodopio macabro, aos beijos, insanamente, desfallecendo de voluptia a cada abraço, extenuados — elle soberbo da conquista, ella triste, sem esperança de rever o céo, pensando na vida da morte que principiára com o primeiro anceoio.

Alvorada! Scinde a amplidão a primeira aguia ali potente. Cruzam-se passaros. Nos rochedos levantam-se nuvens de gaiivotas brancas; as procelarias alam-se ligeiras. Tinge-se o oriente; a cor espalha-se, o azul carmina-se de leve. Subito apparece o sol explodindo no céu como uma aneurisma de chammas.

A terra longinqua emerge da escuridão, apparece o verde das campinas, as franças floridas balançam-se e as aguas crystalinas das cachoeiras rolam em massas múrmuras pelo granito anfractuosso e escuro.

— Guanabara! Guanabara! exclama Guanahyra. E bandos de cangussús param extaticos, electrizados, uns nas praias, outros pelos rochedos, o olhar indeciso, acorados, fitando com as pupilas fulvas o amoroso par que desce, desce com um fremito de azas e de beijos.

COELHO NETTO.

(Da «GUANABARA», novella fantastica)





FORGET-ME-NOT



Não te esqueças de mim. Na estrada immensa,
na tôrpe estrada d'esta vida insana,
se algum dia, ferido da sentença,
que rege, dura, a triste sôrte humana,

eu perder-me de ti, a face em pranto
e branca como um Christo de marfim,
relembra do passado todo o encanto,
e não te esqueças de mim!

Não te esqueças! Tambem a passageira
andorinha que cõrre céos em fóra,
a triste peregrina, a aventureira
regressa ao ninho que deixou outr'ora.

E o leve ninho sêcco da andorinha
não tem o encanto dos teus labios quentes;
n'elle não sente a candida avesinha
todo o prazer que eu sinto e que tu sentes.

Deixa, pois, os réceios infundados,
não mais desfólhes brancos «mal-me-queres»
porque elles mentem, tremulos, nevados,
entre as mãos perfumosas das mulheres.

Se queres flôres, cólhe flôres bellas,
não d'essas que a teus pés tombam assim,
prefêre as flôres crédulas, singellas:

Os «Não te esqueças de mim»!

Porém, se eu te esquecer, a face em pranto,
e branca como um Christo de marfim,
relembra do passado todo o encanto,
e não te esqueças de mim!...

Rio de Janeiro—1—8—92.

DEMÉTRIO TOLÉDO.





NA BRÉCIA

— 4 —

... E assim é: deixem-m'a aberta, ou offereçam-me occasião de abril-a, e eu aqui estou, têso como um chuço, e prompto para esta espécie de dever que me impuz.

Difficil e grave?... que me importa, si a consciencia concorda?!...

E sem mais, passo adiante.

* *

Em primeiro logar, pedimos a todos os collegas, que nos distinguirem com transcripções, a fineza, não só de se não esquecerem dos nomes de seus auctôres, mas ainda de dizerem de onde transcrevem.

* *

Entra agora em scena o *Correio da Manhã*, toca-lhe por casa, e, si não por transcripções de escriptos nossos, por de collega fluminense, bastante considerado, que nestes ultimos tempos tem sabido

grangear a estima publica, a ponto de ser o primeiro jornal da *America do Sul*.

Trata-se d'«*O Paiz*», do Rio de Janeiro.

Em dous de seus números do mez de dezembro p. p. o jornal fluminense publicou em a secção «*E'chos de toda a parte*», não temos certeza dos dias, duas composições poéticas intituladas, uma — «*Enviando um livro*», outra — «*Brinde!*»

A primeira não trazia o nome do auctor; a segunda, logo abaixo do titulo, em parenthesis, revelava-o no de Antonio Felix.

Vae o «*Correio da Manhã*», que nisso revelou pouco respeito ao decoro da imprensa da capital e ao de seus leitôres, transcreve-as, naturalmente por julgal-as dignas, não diz de onde, tampouco si era transcripção, e — cousa melhór! — apropria-se da segunda — «*Brinde!*» — dando-a no «*Instantaneo*» do n.º 2:866 de sabbado, 6 de janeiro de 1894, exclusão do nome Antonio Felix (o auctôr), e sem a menór referencia! . . .

Si ainda no número seguinte algo se tivesse dicto . . ., mas — qual! — aquillo não estava mal feito, *Foot-ball*, principal fabricante dos *instantaneos*, gostára, a *pillula* tinha passado, *ergo, moita!* . . .

E ali está como *Foot-Ball*, *Zitt*, ou algum dos costumados *faz-instantaneos* do «*Correio*», até penitenciar-se, merece o qualificativo de plagiário . . .

* * *

É a vez do sr. Armando Navarro. Homem de sciencia feito á pressa, com um modo de ver

em arte *sui generis*, este *nóvos*, no fervôr dos seus vinte annos *d'agora*, que *não são como os vinte annos da geração litterária que ora impera — incoercivel mixto de talentos, sem character definido, titubeantes nas suas aptidões, falhos uns d'orientação, . . .* — nem ao de léve respeita datas e mortos dignos de consideração.

Iconoclasta, por amôr da fôrma, pensa que isto de Darwin, Haeckel e Lamarck é tudo a mesma cousa.

«O sr. Theophilo Braga, n'um rápido e *luminôso* (é nosso o gripho) estudo critico da obra de Balzac, entende que a ideia logica que presidiu á concepção e depois fortaleceu a execução da *Comedia Humana*, foi a theoria evolucionista de Darwin, *ao depois* (ainda nosso) desenvolvida por Haeckel e Lamarck.»

Ora, nem Darwin foi o primeiro á apresentar a theoria evolucionista, nem Lamarck desenvolveu-a *ao depois*, como quer o sr. Armando.

Este (Lamarck) é que, em sua «*Philosophia zoologica*», publicada em 1809, a expoz precisamente.

Darwin, cincoenta annos mais tarde, *desenvolvendo-a*, é que estabeleceu o principio da selecção natural.

Demais, Lamarck publicava em 1809, justamente o anno do nascimento de Darwin, a sua «*Philosophia*», em que apparecia, *pela primeira vez*, traduzida em conclusões importantes, a theoria da evolução, emquanto que o naturalista inglêz só em 1859 deu a publico a obra que o tornou immortal — «*A origem das especies.*»

Objectar-me-á, talvez, o sr. Armando Navarro não se referir a Carlos, mas a Erasmo Darwin.

Seja; mas nesse caso, o sr. Armando ainda erra no avanço, pois Erasmo Darwin, apresentando, de facto, laivos de quem comprehendêra, mais ou menos, a theoria que a esse tempo (1794) já andava no ar, como o diz Haeckel, não a formulou tão claramente como Lamarck, reccoso talvez de insuccesso, o que aliás se justifica nas idéas dominantes então.

Independente disso, reconhecem-no todos, a Lamarck, como o verdadeiro fundadôr; e não só por o ser, mas, sobretudo, porque a *Zoonomia* de Erasmo Darwin, no que lhe conquista logar entre os philosophos-naturalistas-evolucionistas, é justamente e unicamente na acceitação de *uma causa única de todas as espécies*, posto que divergindo nos processos e na classificação.

Entretanto, não é a Erasmo Darwin que se refere o commodo scientificista d'«*Os Nôvos*».

Para outros números d'«*A Reacção*», mais algumas palavras ao sr. Navarro.



DECLARAÇÃO



De caracter completamente outro, entrando, por assim dizer, em nova phase, qual a de combater energicamente essa meia-duzia de transviados, a que chamaram e chamam, em conjuncto, *nephelelibatas* — assumo hoje, por inteiro, a responsabilidade d'*A Reacção*.

Extranha a muitos, esta declaração deixal-os-á perplexos, na impossibilidade momentanea de explicarem a si proprios o repentino do resolvido.

Entretanto, successo algum se tem dado de mais facil e simples explicação.

Directôr d'«*A Reacção*» a principio, mas quasi unicamente material, pois litterariamente cohibia-me qualquer importancia, como directôr, e só como directôr, o programma então formulado de acolhimento a *todos os talentos*, achei incommoda a posição, que me repugnava á consciencia de artista consentir, em jornal meu, na inserção de escriptos em perfeito desaccôrdo.

Pois, resolvendo em sentido opposto, por isso que a periodo, mais ou menos, pacífico, indefinido,

succede periodo de agitação, de lucta, com orientação precisa, clara, e não sendo a orientação actual da revista a sua, divergindo em ideas e processos, deixou de fazer parte da collaboração o meu distincto amigo sr. Alberto Pinheiro Torres.

Levados por susceptibilidades, apreciaveis sob todos os pontos, mais uma vez comprovando o honesto e o íntegro de seus caractéres, acompanharam-o os não menos meus amigos Carlos de Lemos e Guedes Teixeira.

Terminando esta urgente e imprescindivel declaração, só me cabe prevenir aos assignantes d'«*A Reacção*», afim de que os não concordes me devolvam o presente número, caso não queiram continuar a dispensar-me o seu valioso auxilio.

GUSTAVO SANTIAGO.





Lisboa Negra



(POEMETO DE DELPHIM B. GUIMARÃES)

Grito lancinante de verdadeiro patriota, no escarpellamento justiceiro de infamias e misérias, acobertadas pelo luxo e vicio das grandes cidades, das capitaes, este poemeto, revelação de intelligencia clara, mostra-nos, em toda a simplicidade dos seus alexandrinos, o que de puro, o que de santo vibra na alma do sr. Delphim de Brito Guimarães.

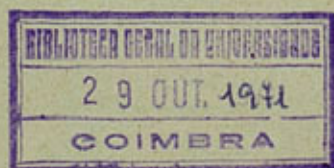
Poeta e patriota, sem outra arma de combate que não a lyra, o sr. Delphim, em instante de felicidade, pensou bem traduzir assim toda a sua indignação.

E vasando em versos toda essa repulsa grandiosa, dia a dia augmentada, de bisturi em punho, elle foi rasgando, impiedosamente, justiceiramente as partes que lhe pareceram gangrenadas, até chegar ao resultado estupendo de podridão em tudo.

Simple, despretencioso, pois, na fórmula, no fundo, comtudo, o livro, que o sr. Delphim teve a delicadeza de nos offertar, é prova irrecusavel do seu grande patriotismo.

Agradecidos.

T. C.



Bibliographia



Do ex.^o sr. Anicet Fusillier, digno directôr do «INSTITUTO DOS SURDOS-MUDOS», em Lisboa, acabamos de receber um folheto de 16 paginas, por este escripto, sobre a «INSTRUCÇÃO E EDUCAÇÃO DOS SURDOS-MUDOS».

Passando, mais ou menos rapidamente, em revista o que nesse sentido se tem feito em Portugal, aliás merecedôr de acres censuras pela pouca importancia dos governos, quando em quasi todas as outras partes do mundo civilisado elles têm sido sempre os primeiros, ou pelo menos, os grandes factôres do desenvolvimento dessa humanitária instituição, o sr. Fusillier aponta-lhes ainda a America, a Hespanha, a França, etc., como exemplos a seguir.

Tratando, em seguida, dos methodos a empregar no ensino desses nossos infelizes irmãos, o distincto professor condemna *IN PAUTIBUS*, por antigos e menos efficazes nos resultados, o da MIMICA e o da DACTYLOGIA OU ALPHABETO MANUEL (LINGUAGEM DOS DEZEDOS), e apresenta-se partidario do modernamente admittido — o da ARTICULAÇÃO OU FALLA ARTIFICIAL, como de vantagens mais apreciaveis, mais promptas, por isso que occasiona a FALLA.

Deante deste resultado tão assombrôso muitos seriam os incredulos, si, numa conferencia realisada em 1890 na «SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA», o sr. A. Fusillier não tivesse mostrado a nenhuma razão dessa ineredulidade, apresentando, como o fez, a prova mais cabal e irrecusavel, na pessoa do alumno Christino Corrêa.

Constatam-o o conhecido industrial, sr. Joaquim Liberato Corrêa, pae do alumno, jornaes de setembro e outubro do mesmo anno, e pessoas que assistiram.

Independente disso, no mesmo folheto o sr. Fusillier cita outros factos tendentes á demonstração dos progressos do novo methodo.

Agradecendo, pois, ao sr. Anicet Fusillier a amabilidade em nos enviar o seu escripto, aproveitamos recommendar aos que nos lêem, sempre que de algum desses infelizes saibam, aconselhal-o, ou a pessoas de familia, aos cuidados do distincto professor.

«A LUGTA»—Anno I—N.º 1.

E' dirigido pelo sympathico Almeida Campos, o activo e conhecido jornalista lisbonense, e com a collaboração primorosa de José Sarmiento e outros.

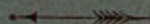
«Os Novos»:—Cá estão os homens! Aquillo é Armando no principio — FÓRMA P'RAQUI, FÓRMA P'RALI, como diria espiritualmente o Mad. da «LIVRE», Mesquita em seguida com o Jeronymo (?), logo após o BARO EXOTERICO Eugenio de Castro, seguindo-se-lhe, outro Castro, que é pena não o ser, depois, mais Mesquita (Roberto), H. de Vasconcellos, e, fechando a FONTE DOS... NOVOS, o MAR-NEGRO QUE É TOY E O TOY QUE É MAR-MORTO!...

«REVISTA NOVA» — N. 2. Tomo I.

«CAMPO DE FLORES» — exame da edição do livro de João de Deus—; «BOLETIM BIBLIOGRAPHICO, e umas linhas a arder na cabeça do sr. Osorio de Castro, com a mirabolante e estapafurdia epigraphe:

«Oitavos, manhã... h... !... !... !...
Passa navio com incendio a bordo.»

A REACÇÃO



PUBLICAÇÕES



PARA BREVE:

PAGINAS DA ALMA

(EM VERSO)

de GUEDES TEIXEIRA

ASSIGNATURAS:

Serie de 12 numeros, 500 réis — Avulso, 50 réis

É nosso agente em Lisboa, á praça
de D. Pedro, 21, o ex.^{mo} sr. Julio Cezar
Vieira da Cruz (tabacaria «Monaco»).

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

ESTRADA DA BEIRA

COIMBRA

Sal
Ga
Est
Ta
N.

A REACÇÃO

REVISTA LITTERARIA

Director: — GUSTAVO SANTIAGO

1.^a Série

N.º 4

[27 DE JANEIRO DE 1894]

SUMMARIO :

Cauchemar — RAYMUNDO CORRÊA
Raymundo Corrêa (trecho de cartã) — ALBERTO DE OLIVEIRA
Penas de amor — OLAVO BILAC
Ultima deusa — ALBERTO DE OLIVEIRA
Na brécha — CANDIDO PENNA
Passaro mysterioso — ARTHUR LOBO
High-life — GUSTAVO SANTIAGO
Soneto em prosa — LUNA FREIRE.



4938-C

COIMBRA — Typ. de Luiz Cardoso, Sophia, 10 e 12.

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

Poetas e escriptores brasileiros



RAYMUNDO CORRÊA

Um dos primeiros poetas da moderna geração litteraria brasileira, melhór o apresenta ao publico portuguez Alberto de Oliveira, em trecho de carta a Olavo Bilac, publicado no n.º 138, vol. III, da revista «A Semana», de que é directôr Valentim Magalhães.



ALBERTO DE OLIVEIRA

Parnasiano legitimo, por isso que lhe compete um dos primeiros logares entre os melhóres, bem como ao seu amigo O. Bilac, não só honra uma litteratura, mas uma época. Entretanto, e apezar da patria ser um preconceito (!!!), estabeleçam-se fronteiras, afim de não haver confusões menos felizes...



OLAVO BILAC

Já conhecido do publico portuguez, os que o lêrem hoje n.º «A Reacção», por certo dirão justissimos os applausos que merece e de que tem sido alvo o distincto poeta brasileiro.

A tout seigneur...

G. S.



CAUCHEMAR



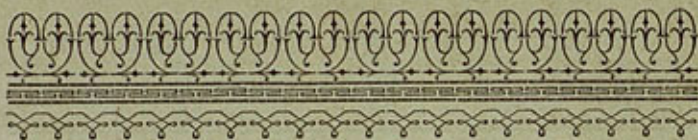
Penetro a estancia funebre e sombria,
Extremo leito da mulher amada;
E ergo a lousa que a cobre—despojada
De toda a graça ideal que revestia.

Da belleza, onde um casto amôr sorria,
Pudica e dôce, nada resta, nada;
Nua de carnes, só a branca ossada,
Que apalpo e sinto fria, fria, fria...

E, o somno seu eterno interrompendo,
Clamo... Da noite o vento álgido córta,
Cáe neve e é gélido o esplendôr da lua...

Então, a erguer-se, pávida, tremendo
De frio e com pudor, me diz a MORTA:
«Cobre-me! Ha tanto frio e estou tão nua!»

RAYMUNDO CORRÊA



RAYMUNDO CORRÊA

(TRECHO DE CARTA)



Meu caro Olavo Bilac

.....
Li ha pouco sobre os «*Versos e Versões*» o artigo que publicaste na pagina litteraria do «*Diario Mercantil*», de 7, um dos numeros mais felizes d'este jornal.

Estou comtigo no que dizes do nossò Raymundo; merece elle, a todos os titulos, quanto de mais alto louvor possam produzir a tua, e as adamantinas pennas de todos os que, não melhor do que tu, se présam de escrever com seriedade na lingua bella e difficil em que praticamos.

Raymundo é poeta e dos melhores do mundo. Tem todas as qualidades dos que, pela Arte divina, conseguiram romper os paredões de bronze dos tempos, e, sublimes de canção e de genio, sahir lá fóra, nos dias claros da immortalidade e da gloria. Assenta-lhe bem a corôa de louros com que o apresentas á céga multidão, fatua e má, esquecida e ignorante dos divinos cantores que por

ella passaram, e dos que ainda agora atravez d'ella se vão, desperdiçando em versos a sua alma de cysne.

Teu estylo, á feição de um cinzel, rasgou, poliu a mais bella pedra marmorea, para d'ella extrahir a imponente estatua do glorioso poeta

Extrahiste-a, aprumaste-a no pedestal, déstelhe o teu culto de artista e . . . porque nunca esteve só o teu coração, mas a outro coração sempre unido, não quizeste a tua obra sosinha. Era preciso um par á brilhante figura e, ai de mim! fui eu, no meu barro humano, o sacrificado ao divino trabalho. Trituraste-me duas, tres vezes, amassaste-me, tomaste o bolo, cavaste-lhe uns olhos, rasgaste-lhe uma bocca, abriste-lhe uns dedos, e, prompto: olha o Alberto! olha o *pendant* á formosa estatua!

Ah! meu amigo, não chego mais a tempo de pregar-me um tremendo empurrão e ficar nos callháus da minha obscuridade; mas vae d'aquí, armado de sete lanças, este protesto contra o que, incidentemente, escreveste de minha pessoa. Raymundo não tem par em nossa litteratura.

Esta é a verdade.

Puxar-me da Engenhoca, mandar-me que cresça e por-me juncto ao grande poeta, só lembraria ao meu Olavo.

O auctor da nenia á morte de Arthur Barreiros nunca terá um companheiro de sua estatura. N'este ponto, arremettendo ás alturas do pensamento, será como uma aguia isolada, uma sorte de *misanthropo* da gloria.

Reconheço o que valho para comprehender a minha disparidade com elle. Andaste mal, equiparando-nos.

A meu lado, produz elle sobre mim o effeito das cathedraes sobre os pequenos albergues: achata-me, ridiculariza-me.

Quem com tanto sàber produziu aquelle admiravel livro dos «*Versos e Versões*», repito, está só, não tem que se lhe approxime ninguem. Como arvore immensa, por onde estender-se, achará tudo vasio de outra existencia, porque é esta a verdadeira grandeza, a que se isola de tudo. Só na queda os grandes homens, como as arvores enormes, é que vêm ao conhecimento da immensa população que lhes ferve aos pés, e em cujos braços se vão despenhar, rugidores e horriveis, a muitos arrastando em sua ruina.

Deixemol-o, pois, ao nosso poeta. Tu, por outra vez, ou elimina esse coração, que a ambos nos compromette, ou estuda melhór a sciencia dos confrontos.

Foi de teu artigo a parte que me desagradou, esta em que me apresentas como poeta, de mãos dadas ao nosso Raymundo; tudo o mais honra-te e a mim, que tenho como meus os teus bellos triumphos.

Abraço-te.

Engenhóca — 9 de agosto.

ALBERTO DE OLIVEIRA



PENAS DE AMOR



Em mim também, que descuidado vistes,
Encantado e augmentando o proprio encanto,
Tereis notado que outras cousas canto
Muito diversas das que outr'ora ouvistes.

Mas amastes, sem duvida... Portanto
Meditae nas tristezas que sentistes:
Que eu por mim não conheço cousas tristes
Que mais afflijam, que torturem tanto.

Quem ama inventa as penas em que vive;
E, em lugar de acalmar as penas, antes
Busca um novo pezar com que as avive...

Pois sabeí que é por isso que assim ando:
E' dos loucos somente e dos amantes
Na maior alegria estar chorando.

OLAVO BILAC



ULTIMA DEUSA



Foram-se os deuses, foram-se, em verdade,
Mas das deusas alguma existe, alguma,
Que tem teu ar, a tua magestade,
Teu porte e aspecto, que és tu mesma, em summa.

Ao ver-te com esse andar de divindade,
Como cercada de invisível bruma,
A gente á crença antiga se acostuma
E do Olympo se lembra com saudade.

De lá trouxeste o olhar sereno e garço,
O alvo cóllo, onde, em quédas de ouro tinto,
Rutilo róla o teu cabello esparso.

Pisas alheia terra... Essa tristeza
Que possues é de estatua, que ora extinto
Sente o culto da forma e da belleza.



NA BRÉCHA

— R —

E antes de mais nada :

Pedi-nos o ex.^{mo} sr. Armando Navarro nunca mais escrevessemos o ex.^{mo} nome, sem precedencia clara e precisa de ex.^{ma} *Senhoria*.

Ora, como gostamos pouco de contrariar quem quer que seja, ex.^{mo} ou não, fazemos declaração de que desta data por diante, não só se tratará o ex.^{mo} sr. Armando Navarro por ex.^{mo} sr., mas ainda quanto ex.^{mo} qualificativo se refira ao ex.^{mo} sr.

E outrosim, se pede aos leitores, quando hajam de tratar com o ex.^{mo} sr., o obsequio de terem sempre prompta a *Excellencia* . . .

* *

Sui generis, disse eu no n.º 3 d'«*A Reacção*» o ex.^{mo} modo de ver em arte do ex.^{mo} sr. Armando Navarro.

Sem pretensão de concurrente a «concurso de *logares-selectos*», como parece ser o ex.^{mo} sr. Ar-

mando, com o seu ex.^{mo} estylo cathedratyco, vou proval-o.

Não me movem neste intuito «subjectivismos ferozes e intransigentes, onde todos os séntimentos são meias tintas», ou ainda «a ridicula vaidade de ser auctôr, tão caracteristica da mediocridade», como o affirma *conscientemente* o distincto publicista sr. Carlos de Mesquita.

Divergindo, e comigo grande parte, si não totalidade, dos que pensam em Arte modernamente, faz-me mal, põe-me doente consentir nas herecias (permitted?) que o ex.^{mo} illustre-futuro estadista atira do ex.^{mo} alto da sua ex.^{ma} carnalidade quasi *burocratica*.

E' de saber que, de quanto tem escripto nos dous primeiros números d'«*Os Nôvos*», o ex.^{mo} sr. Navarro, se pôde deprehender, ou se deprehende, que para S. E. «o unico objecto da arte é a *fôrma*, unica representação das imagens, unica modalidade *sensível* do bello.»

E na ex.^{ma} tenção caprichosa de o provar, o ex.^{mo} cita observações «de uma allegoria mythologica de Rubens», «audição d'uma phrase musical de Grieg, do *Album Blätter*», e, periodo mais adiante,— «Evidentemente, ségundo este critério, uma obra de prosa, ou por anomalia em verso, em que a *fôrma* seja secundaria e a *ideia* ou a sua explicação o fundamental, não pertence á arte, nem á litteratura: por isso um compendio d'algebra não é uma obra litteraria, como o não é tambem um dictionario, ou um manual de cozinheiro.»

Ora, segundo S. E.— periodo logo adiante — «o bello não é mais do que a verdade da *fôrma*», e

esta, a fórma — «o unico objecto da arte, unica representação das imagens, unica modalidade *SENSIVEL* do bello.»

Pois, visto isso e o que atraz deixou o ex.^{mo} sr. Armando (sem ambiguidades possiveis) conclue-se, ao contrario, que «um compendio d'algebra é uma obra litterária, como o é tambem um dictionario, ou um manual de cozinheiro».

E confirmam-o plenamente, não só o ex.^{mo} sr. Augusto José da Cunha (*Elementos de algebra*) com a definição de um «monomio — a expressão em que não entra o signal + nem o signal —», com o que, sabidas as significações de + e —, se tem perfeita idéa do que seja um monomio, mas o ex.^{mo} sr. F. J. Caldas Aulete (*Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*) com o que seja «armando — (ar-man-du) — s. m. (alveit.) papas de pão, agraço, mel rosado, cannela, etc., què se dão. . .» — que nos faz comprehender precisamente a palavra, e ainda o «*Cozinheiro completo*» (ed. Joaquim José Bordalo) com a receita para guisar um coelho — «Estripado o coelho colloca-se n'uma cassarola com manteiga, com perto de duzentas grammas de toucinho, até que tome côr, retirando-se logo. Ajunta-se-lhe uma colher de farinha de trigo, que se tostará levemente, na qual se envolvem os pedaços de coelho humedecidos com uma porção de caldo e de vinho branco ou tinto. Quando estiverem a ponto acrescenta-se-lhes o toucinho e algum outro mólho saboroso. Um quarto de hora antes de se tirarem deita-se-lhes cebolinhas passadas por manteiga, e reduzidos e desengordurados os bocados de coelho servem-se.»

—de que resalta para logo um cheiro a coelho guisado e sabôr... (lá está o *mólho saboroso*)... capaz de provocar appetite.

E ahí têm, mais ou menos em practica, as ex.^{mas} theorias do ex.^{mo} sr. Navarro, justamente contrariadas por S. E.

Poderia ainda prolongar-me com *achados* extraordinários nos ex.^{mos} escriptos do ex.^{mo} artista das primeiras páginas d' *Os Nôvos*.

Entretanto, não o faço; sobra-me assumpto e falta-me espaço.

No próximo número... cá estou.

A' baila o «*Correio da Manhã*»..

(Quererá também ex.^{mo}?)

Bem razão tive no último número, quando affirmei ter este collega revelado pouco respeito ao decoro dos collegas da capital e ao de seus leitores.

Admira até a immobilidade da policia lisboense, o nenhum caso pela moralidade pública.

Outra que fôra, e, a estas horas, já o redactor do «*Correio*», encarregado da critica de S. Carlos, na esquadra, pois que por menos lá têm ido parar outros, estaria arrependido, com disposições de não perpetrar segunda.

E' ver a critica sobre o «*Hamlet*», estampada na pagina 2.^a, 5.^a columna, do n.º 2:874 de segunda-feira 15, que, á linha ante-penultima, ha de toda a gente clamar indignada.

E com razão, que aquillo não é cousa que se faça...

Assim sem mais, nem menos... uma confusão daquellas...!!!

Si é necessidade... ahi vaç:



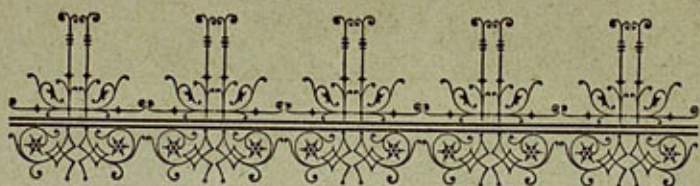
Transforme-a o collega como quizer, e dê-lhe o uso conveniente...

CANDIDO PENNA

* *

P. S. Como até agora o «*Correio*» não deu *piada* sobre o que aqui se disse no n.º 3, e como quem cala, consente, é preciso pôr de quarentena os «*Instantaneos*»...





PASSARO MYSTERIOSO



Durmo e desperto muita vez sonhando
mystificado pela phantasia...

—Que estrophe é esta que ainda está cantando
na minha alcova tacita e sombria?

De onde esta polyanthéa de volatas
abre, alta noite, as petalas cheirósas?
Que doce lympha, em módulos cascatas,
crebra, desfia as lagrimas queixósas?

Que ninho é este que, ao beiral suspenso,
pando de beijos, tumido, palpita?
Que barcarolas o nevoeiro intenso
envolve pela abobada infinita?

Ou que estrella somnambula anda agora
ferindo o azul da esphera illuminada,
monologando pelo céo afóra,
no seu roupão de névoas embuçada?

Se todos sonham pelos sóes dispersos,
desde esta estrella á mais pequena planta,
de onde esta dôce música de versos?
Quem padece e quem é que, alegre, canta?

Volvo outra vez á triste escravidão...
Durmo... E, de novo, eis-me outra vez sonhando:
E ouço, sorpreso, o proprio coração
como um desperto passaro cantando...

ARTHUR LOBO.





High-life

—A—

Ao B. LOPES

Em caras vestes de seda
Vi-a passar, elegante,
Pela sombria alameda,
Risonha, feliz amante.

Acompanhava-a, garrida,
Encantadôra creança,
Fulgida como a esperança
Que nos conduz pela vida.

Fallavam boccas, diziam:
«Dum fino artista dilecta,
Vae á entrevista... (e sorriam)
... Si tem amor a um poeta!...»

E asseguravam: «Tão bella!
Tal como a vêdes, condêssa,
Tem posto muita cabeça
De amôres doida por ella!...»

Nenhuma a palma disputa
Das que frequentam o Gremio;
Que da belleza na lucta,
Por justo, lhe cabe o premio.

O conde, que o filho adóra,
Nelle revendo-se ufano,
(Sublime, paterno engano !)
Certo, os passeios ignora.

Por isso, quando elogio,
Acaso, escuta, ciôso,
O preto bigóde esguio
Cofia todo orgulhoso,

Como occultando, em disfarce,
Um indomavel desejo
De, sem temôr e sem pejo,
Ao mundo inteiro gabar-se...»

E proseguiam, mordazês,
Agora — baixo, em segredo,
Mais logo — equivocac phrases,
Como escolhidas a dedo,

Emquanto o conde, alisando
Do chapéo o pello escuro,
Fallava sobre o futuro
Que reservava ao Fernando...



SONETO EM PROSA

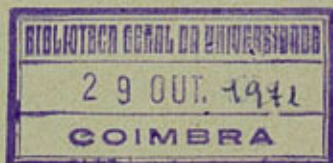


...Sedas que se amachucam no vellutino estôfo de um *divan*... fragancias noctivagas de violetas murchas... beijos que estalam... murmúrios entrecortados de phrases de amôr...

E no azul — ingenuas filhas da Noite, pétalas de alguma camelia d'oiro que se esfolhasse — estrellas rútilas que tremeluzem, na irradiação benéfica d'uma grande Benção...

Porto — 24 — I — 94.

LUNA FREIRE.



Bibliographia



«EL TESTIGO FIEL»—Año II—N.º 21—Madrid.
Órgão official «DE LOS CRISTIANOS-APOSTÓLICOS QUE PRECINDEN DE TODO CUANTO NO AUTORICE EL NUEVO TESTAMENTO DE NUESTRO SEÑOR JESUCRISTO», esta revista tem como directôr e proprietario o ex.^{mo} sr. Herm. Juan G. Colomo, e como redactôr principal o ex.^{mo} sr. Diego Gimena.

«CRENÇA E LETTRAS»—2.ª série—N.ºs 11 e 12.
É' directôr desta revista, que tem a sua séde no Collegio de S. Damaso, em Guimarães, o ex.^{mo} rev.^{mo} padre Antonio Hermano, professor no mesmo collegio.

O n.º 11—especial—é dedicado a S. Damaso; o 12 insere a conclusão de um discurso do ex.^{mo} rev.^{mo} padre Henrique Gomes, proferido na festividade de N. S. da Oliveira (Guimarães), «OS DOIS PASTORES» (poesia) do ex.^{mo} sr. A. Moreira Bello, e «MEDITAÇÕES», do ex.^{mo} rev.^{mo} padre A. Hermano.

«REVISTA MUNICIPAL» — Anno I—N.º 4.
«PUBLICAÇÃO DEDICADA A ASSUMPTOS MUNICIPAES», tem a sua séde em Cintra.

«A CONSTRUCCÃO» — Anno I—N.ºs 2, 3, 4 e 5.
Prosa bem feita, em artigos momentôsos, sensatos e justos, eis quanto se nos offerece dizer dos numeros que temos á vista.

«A ILLUSTRACÃO DA COSTURA»—Anno I—N.º 1.
É' directôr artistico desta publicação quinzenal, agora apparecida no Porto, o ex.^{mo} sr. Antonio Rollan, desenhista que foi, nos dois primeiros annos, de «O AÇAFATE DE COSTURA».

«NOVA ALVORADA»—Anno III—N.º 10.
Insere escriptos de D. João de Castro, Joaquim de Araujo, Severo Portella, Sebastião de Carvalho, Abilio de M. Brandão, Neves Barreto, «BIBLIOGRAPHIA» de Sousa Fernandes, e versos, (traduções e originaes) de varios, destacando, entretanto, o soneto «PUBESCENCIA» do distincto poeta brasileiro Emilio de Menezes.

«PEQUENA REVISTA»—N.º 2—Série 1.ª
Número regular, com bons versos de Carlos de Lemos e Luiz Guimarães (filho), e um curioso artigo de Magale.

A REACÇÃO



PUBLICAÇÕES



PARA BREVE:

CARYATIDES

(EM VERSO)

de GUSTAVO SANTIAGO

ASSIGNATURAS:

Serie de 12 numeros, 500 réis — Avulso, 50 réis

É nosso agente em Lisboa, á praça
de D. Pedro, 21, o ex.^{mo} sr. Julio Cezar
Vieira da Cruz (tabacaria «Monaco»).

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

ESTRADA DA BEIRA

COIMBRA

Sal
Ga
Est
Tab
N.º

A REACÇÃO

REVISTA LITTERARIA

Director:—GUSTAVO SANTIAGO

1.^a Série

N.º 5

(22 DE FEVEREIRO DE 1894)



SUMMARIO :

Do «Livro de Nahir»—(IX)—MARIO ALVES
Spero Dracos—ALBERTO DE OLIVEIRA
Facetas—(II)—PLACIDO JUNIOR
Bussaco—(De um livro)—LUNA FREIRE
Out'ora—GUSTAVO SANTIAGO
Triste!—CANDIDO PENNA.

COIMBRA—Typ. de Luiz Cardoso, Sophia, 10 e 12.

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

Poetas e escriptores brasileiros



ALBERTO DE OLIVEIRA

Como poeta foi que o apresentámos no n.º 4 d'«A Reacção», escolhendo para isso a primeira composição que nos appareceu; como escriptor: fazemol-o hoje.

«Spero Dracos», o conto que inserimos, transcrevemol-o de um numero atrazado da «Gazeta de Noticias».

Preciso na adjectivação, o que constitue nestes tempos raridade, Alberto de Oliveira, como verão os que lhe lêrem «Spero», é, além de um bom poeta, na verdadeira accepção, um escriptor primorôso e que conhece a fundo a lingua em que trabalha.

Sem mendigar encomios de quem quer que seja, tampouco os barateia aos amigos, impondo assim, conscientemente, mas modestamente o seu grande merecimento.



PLACIDO JUNIOR

Artista primorôso, dos poucos que cultivam a Arte por amor, Placido Junior, sempre correcto no que dá a publico, começa de receber agora no Rio de Janeiro as primeiras palmas devidas.

Verdadeiramente novo, sem, entretanto, as fatuidades pomposamente lórpas, proprias aliás da ausencia do verdadeiro merito, em breve vel-o-emos entre os primeiros poetas brasileiros.

Que o digam os nossos leitores.



Do «Livro de Nahir»

(IX)

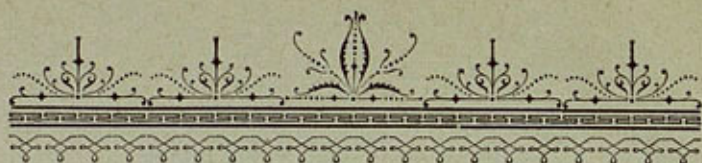


Na Europa, quando vem tombando, fria,
A neve branca que o arvoredo cobre,
E ouve-se, ao longe, n'um funereo dobre,
Um sino triste, como uma agonia:

Foge a andorinha, a tímida erradia,
D'esse gelo mortal que o sol encobre,
E vae buscar, no teu paiz que é nobre,
O sol, a vida, a luz, a poesia.

Eu sei d'um par d'essas formosas aves,
Que ao escutar um dia esses suaves,
Tristes harpejos da guitarra d'ouro,

Sonhou voar, voar, e do infinito
Trazer no bico um BIBELOT bonito
Para enfeitar o teu cabello louro.



SPERO DRACOS



AO SR. OTHON LEONARDOS, CONSUL DA GRECIA

Foi nos primeiros mezes do seculo, junho ou julho de 1800. Começára pelos kleptas das montanhas de Souli a guerra da independencia da Grecia. Pela segunda vez o pachá de Janina, monstro de crueldade e fereza, investia com grosso exercito contra os gregos livres, alcandorados com suas fortificações de pedra, com seus *pyrgos* e com seus baluartes nas montanhas do Epiro.

Desde manhã, desde que o Taygete se decorou á luz do sol das primeiras neblinas, nas planicies baixas, nas rechans e valles adjacentes, o olhar aquilino dos souliotas começou de distinguir um como a fusilar de escudos e alfanges em meio de espessa massa movediça que se dividia, que se ordenava, que se dispunha em varios sentidos. Eram os albanezes, em numero de quinze mil que se preparavam para o assalto á montanha. Como fosse manhã, d'entre elles se ergueu a voz dos derviches, saudando o sol na oração costumaria.

Mas já o alarma de guerra, sonoro e longo, fôra gritado em cima nas aldeias montanhezes e, de Kiapha, a primeira d'ellas, sentada ao pé do abysmo sobre o curso do Acheron, á Kakosouli, a mais alta de todas, habitada pelas familias illustres da nação, tudo era alvoroço, tudo era rumor.

A's passadas das hostes guerreiras e ao confuso tropel dos cavallos largados á disparada, como a uma nova era de deuses e heróes, acordaram de subito os pincaros até alli despovoados do Parnaso e do Olympo, arrancando-se ao somno secular que dormiam.

De todas as boccas, por toda a parte, n'uma alegria feroz, n'uma expansão de selvagem contentamento, só um grito se ouvia :

— Os turcos!

Esta palavra, ella só para aquelle povo em que renascia, revigorava o espirito heroico da Hellade e que, cançado ha muito de supportar os aggravos e affrontas que lhe impunha um jugo que durava ha mais de tres seculos, era o primeiro a se levantar para partir as cadeias com que o opprimiam, aquelle grito, elle só, valia por toda uma invocação de guerra, pela proclamação de um general á hora da lucta, pelo som das cornetas e dos clarins que chamam a postos, apregoando a approximação do inimigo.

E nenhum klephta, nenhum montanhéz á excepção, ó vergonha! á excepção unica de Spero Dracos, o mais forte, o mais valente dos Dracos, de antiquissima origem, deixou de correr, armado de sua carabina e de sua espada, á defensão da montanha, da borda alcantilada dos precipicios.

Todos lá estavam, todos lá se agruparam, mil e oitocentos homens á voz de Tsavellas, opolemarka: em Kiapha, mais proximado inimigo, o maior numero d'ellés, muitos em Avarikos e em Samoniva, que parecem edificadas nos ares, os restantes em Kakosouli, a aldeia das pincarás, altissima, visitada das neves e das estrellas.

Mas por que o illustre descendente dos Dracos retarda o passo, deixando de accudir ao appello que lhe fazem seus irmãos e seus companheiros?

Porque a longa carabina certa e a espada de erea bainha, talhadora de tanta mortalha, demora-se elle em tomal-as, deixando-as no ocio que gera a ferrugem e escurece o aço das armas? Seria uma requesta, seria uma altercação com os chefes, que lhe accendendo a colera, como a Achilles com «o rei dos homens» da pagina homérica, o põe arredado do combate imminente? Vêde-o: do alto, lá em cima, de um recosto de pedra, sob antigo pinheiro despido e informe, parece indifferentemente observar, tão repousados tem os traços da frente, a marcha e os preparativos da formidável peleja; nenhum sentimento, alegria ou raiva, satisfação ou enfaro, trahe o mysterio em que a alma se lhe recolhe, mas seus olhos, se bem que serenos no limpido anil das pupilas, não se afastam, não se descravam dos resvaladouros e despenhadeiros por onde, desgalgada e soberba, róla a avalanche dos souliotas que hão de enfrentar o ottomano.

Hybla, sua noiva, filha de Parga, a cidade amiga, Hybla, a bella das bellas da Selleide, veiu

achal-o nessa postura e, estranhando a indiferença do heróe :

— Tu aqui, emquanto toda a nação pega em armas! Engano-me ou é realmente Spero que tenho diante de mim? perguntou saindo-lhe á frente.

Por unica resposta, afastou-a o noivo levemente com a mão e continuou com o olhar pregado á descida da montanha onde os dous exercitos se deviam chocar.

— Falla, respeitosa tocando-lhe o hombro e mais surpresa inquiriu a moça — falla: que te retem aqui como mero espectador, quando a alguns passos, lá em baixo, toda a patria se levanta como um só homem para repellir um inimigo?

Sem desviar o rosto, o olhar firme, Spero limitou-se a dizer:

— E' cedo ainda.

E nem sentiu que, como uma grande flôr molhada de orvalho, apoiara-se-lhe ao hombro a cabeça da noiva, solta a cabelleira viçosa e loura, bocca entreaberta, mal respirando, olhos marejados de lagrimas. Nem sentiu, momentos depois, que, n'um beijo, n'um grande beijo, soluçante de anciedade e de amor, collocavam-se-lhe á mão robusta os dous labios por ventura mais escarlates e mais ardentes de todo o Epiro. Spero, tão funda era a sua concentração, tão firme a fixidez de seus olhos, parecia esquecido até de que alli estivesse aquella a quem em breve devia passar o anel pronubo, aquella que nos dias de paz era sagrada nas rhapsodias e nas canções klephticas como a digna herdeira das Graças, que todas resumia, — flor sem

par, maravilha sem competencia em toda a região, sob o céu azul da península.

E o tempo escoava-se.

Subito escapou um grito aos labios de Hybla :

— Ergue-te, depressa, caminha! lá estão elles, lá vem elles, os turcos! Spero, Spero! depressa! corre! salva-nos! salva-nos!

Spero Dracos, que continuava a observar sempre o que se passava longe, para o lado de Kiapha, voltou-se d'esta vez para a moça procurando acalmal-a.

— Deixa, explicou-se emfim, apontando a planicie, deixa que se formem as nuvens, deixa que se enovelem, que se baralhem umas com outras: só então é que parte o raio. A minha vez não chegou ainda.

E volveu de novo a seu posto, quedou largo espaço, immovel, na mesma contemplação extatica. Era ao tempo em que o exercito turco, galgando a rampa do desfiladeiro, chegava abaixo da torre de Kiapha, sob Koungi, o cimo coroado da capella de Santa Veneranda.

Spero observava-o.

Hybla observava a Spero.

Inclinava-se o sol para a massa escura do Pindo. Ceo lavado em anil, ar sereno. Nem um sopro, nem uma aragem, diziam-n'ó bem os ramos quietos, as folhas immoveis.

De repente o amante de Hybla, de um salto, precipitou-se pelo declive do monte.

Tinham soado os primeiros tiros. Travára-se a guerra.

.....

O que então se passou, o que foi aquella pelleja, dil-o a historia e, melhor do que ella, relatam-n'o ainda os poetas pastores do Epiro, acompanhando-se aos seus instrumentos, na doçura inequalavel do dialecto grego das montanhas. A pagina heroica do desfiladeiro das Thermopylas que os seculos voltaram com assombro, deixou de ser unica no grande livro das façanhas epicas dos descendentes de Pelasgo.

Oito horas durou o combate, que entrou pela noite, feroz e horrivel. Mais de trez mil albanezes rolam mortos sob um fogo cerrado e entre rodantes moles de pedra que os arrebatam, despeñhadas do alto pelos guerreiros gregos. Echoam longo tempo os abysmos, abaixo rasgados, cuja escuridão se anima ao gemer dos que ainda se vêm chegar a seu fundo n'um resto de agonia. Debanda o restante dos albanezes, espavoridos, entrados de terror panico, descendo á pressa a rampa da montanha. Exulta a nação souliota. E os fachos resinosos se accendem, a cujos avanços de luz, homens, mulheres e creanças se afanam á procura dos mortos e dos feridos.

Entre elles, sombra ululante e tragica, passa o vulto de Hybla. Acurva-se aqui, olha, espreita adiante, desce um barranco, sonda um vallo, pesquisa, interroga, chama, soluça, desespera-se, o ouvido attento, o olhar mais brilhante que o archote que lhe arde e fumega á mão. Desde que o noivo, n'um impeto se desfechára do pincaro de Souli para cahir sobre o inimigo, não mais o viu. O que ouve nada adianta sobre o destino que o levou. Como um raio, passava, deixando após si

uma esteira de victimas; seu nome estava em todas as boccas, como o assombro da guerra, mas ninguem, ninguem sabia agora onde, ou repou-sando emfim ou esvaindo-se no sangue das feridas, jazia o guerreiro.

De par com os turcos, que se contavam por centenas, dentre o pedregal e as raizes crespas e grossas das arvores, foram retirados muitos cada-veres de souliotas. Mas não apparecia o de Spero, não apparecia, não appareceu nunca.

E os dias se escoaram uns após outros, escoaram-se os mezes e Hybla, desgrenhada e louca, um facho á mão tremula, lá vai, com a lembrança do noivo, revendo os anfractos da pedra, o recesso das grutas, as vertentes da montanha, o fundo de seus abysmos. Os pastores da Parasouliotide vêm-n'a ás vezes descer até ás ribas do Acheron, o rio de ondas côr da noite; a luz de seu archote projecta-se n'um sulco vermelho á face das aguas, lembrando um rastro de sangue e de mistura com o gemer da corrente bebem de seus labios as vi-rações que alli passam o nome de Spero. . .

ALBERTO DE OLIVEIRA





FACETAS

(II)



Sempre gentil, e em «toilettes» caras,
Deixa um florir de aromas quando passa,
Na carruagem que os pur-sangs de raça
Tiram velozes pelas ruas claras.

O olhar é um sonho, e espanejando garço
Scintillações de um brilho que embebeda,
Combina, dóce, sob o frouxel que enreda
A farta coma de cabelo esparso.

Assim correcta sobre as almofadas,
Alçando a rir a esplendida cabeça,
Atira olhares a sensual condessa,
Que nos penetram como punhaladas.

E a gente fica, sem que ninguém note,
Absorto, olhando-a pela rua poenta
No carro; enquanto o esguio «groom» rebenta
Estalos no ar com a ponta do chicote...

PLACIDO JUNIOR



Bussaco

(DE UM LIVRO)

- 4 -

Situada aos 41°,33' de latitude norte e 22' de longitude oriental do meridiano de Lisboa, a matta do Bussaco, ramificação da serra da Estrella, com ser página brilhante da historia pátria pela célebre batalha travada a 27 de setembro de 1810 entre as aguerridas hostes francezas de Massena e as tropas anglo-portuguezas sob o commando do general Wellington, é ainda sitio de extraordinária belleza, onde a phantasia ardente de um poeta só póde encontrar ensejo de immortalisar-se.

.....
Natureza pujantissima, como ámesquinhar-nos victoriosamente, como a fazer-nos reconhecer a pequenez da individualidade humana—os enormes carvalhos seculares, os pinheiros gigantescos, os eucalyptus magestózos, as madresilvas a entrançarem-se caprichosamente, a grande variedade de plantas, arvores, musgos... — tudo alli nos encanta, assombra e maravilha!

Exluberancia de vida, viço e frescôr, alacridade viva de luz, creação estupenda do Ser Supremo, que o cérebro apouca, confunde a razão e a alma confrange, deliciosamente sentida — eis o

que a penna não descreve, o pincel não copia, o cinzél não burila e o homem não comprehende!

Alli, sente-se a gente pequeno, fraco demais para uma reacção, impotente para livrar-se do torpôr quasi inexplicavel que de nós se apossa.

A lucta que, de outras vezes, tanto nos attrahe dando-nos alento, impellindo-nos ás mais heroicas façanhas, subjuga-nos então, abate-nos miseravelmente!

Estupefactos, présas inconscientes, rebuscamos nos reconditos escaninhos da Idéa o que dizer, como explicarmo-nos a nós mesmos um tal estado; e os labios apenas articulam; pronunciam, inintelligiveis, palavras, phrases que devem ser epopéas, exclamações que causariam admiração ás gerações vindouras, se não fôra o atrazo da nossa!

E o coração é o unico que falla; o unico que, n'aquella mudez insondavel de eterno incomprehensível, a torrente caudalosa do sentimento solta, em fulgurações radiantissimas de genio, em relampagos ardentes de inspiração divina!

E é o amôr a insufflar-nos o peito, fazendo-nos parar diante da *fonte Fria*, a recordar ternos idyllios em noites enluaradas, quando a agua, despenhando-se sonoramente argentea de altura enorme parece querer abafar a meiga harmonia do Beijo, a estalar em labios amantes!...

E é a saudade, tristonhamente envolta no negro manto da magua, que ajoelha na *Cruz Alta*, a vista distendendo no amplissimo horizonte, a deliciar-se, egoisticamente silenciosa, com a sumptuosidade extranha do panorama que se lhe desenrola

á frente, no esbatimento, baço pelo nevoeiro, de côres mal delineadas: Coimbra lá em baixo, como surgindo do estremunhar de somno matutino; de um lado a matta, de outro...

E eis-nos em face de toda uma recordação pungente, dolorida, de passado angustioso; de todo um cortejo de lagrimas, heroicamente convulsas, no soffrimento que revestem, sublimemente amargas, no martyrio que traduzem: *Jordão, Portas de Silóé, Cruz de Caiphaz, Varanda de Pilatos, Porta judiciaria, Calvario*...

É Maria Magdalena que passa — cabellos desgrenhados, olhos vitreos pelo pranto, a formosura transtornada, rôtas as vestes, as carnes maceradas, porejando sangue, das urzes do caminho...

É a Mãe que assiste ao flagicio do filho, e a cada rôgo, a cada supplica, a cada grito seu, recebe a cusparada fétida da bôcca de um judéo, o escarneo vil de uma horda bestial!...

E um vomitar infrene de blasphemias, de insolencias atiradas á esmo, no amotinamento de plebe, corta os ares, a percutir de angulo em angulo!...

E á frente, o Christo, sobranceiro, divino, indifferente ao estalar do açoite que lhe rasga as carnes — a barba hirsuta, as faces esmaecidas, acurvado ao péso do duro lenho, no olhar toda uma epopéa assombrosa de resignação!...

.....



OUTRE^aORA

— V —

Eu tinha então essa idade
Que nunca mais nos esquece;
Tu eras a intima prece
De um anjo de caridade.

De dia — lembras-te? — quando
No azulino firmamento,
As aves triste lamento
Soltavam, como manchando

A nossa doida alegria,
Das nossas almas bohemias,
Inoffensivas e gemeas,
O pranto ardente corria!...

Si, ás vezes — dôce chiméra! —
Te referia, bisonho,
O caprichoso, aureo sonho
Da noite que antecederá:

— Que escada subindo enórme
Ao cimo, branca, te vira,
Dormindo ao som de uma lyra,
Como uma estrella que dórme...

Tu logo, a rir, me dizias:
«Tambem contigo sonhei!
Eras pastôr, e da grei,
Que, cuidadôso, pascias,

Uma ovelhinha malhada,
Do teu coração dilecta,
Se desgarrára, inquieta,
Ao romper da madrugada...»

E interrompias o conto
De um beija-flôr ao adejo,
Sonóro, candido beijo
Contando o resto de prompto!

Cantava Abril pelos ramos
A terna canção dos ninhos,
Emquanto pelos caminhos
Andavam tristes os gamos...

O sol — como um vitreo globo
Solto pelo immenso espaço,
Impresso no teu regaço
Deixava o infantil arroubo

De que me sentia prêsa,
Ao contemplar toda aquella
Extranha criação singélla
Da Grande Mãe—Natureza!

E para nós, que em folguêdo,
Passávamos—era a dôr
Problema ignoto a propôr,
Desconhecido segrêdo!...

GUSTAVO SANTIAGO





TRISTE!

- 1 -

Triste, profundamente triste, o seu estado!

Vi-o hontem passar á minha porta: o olhar meditabundo, as faces esmaecidas, como amostando as grandes torturas que lhe vão pela alma, cabellos grandes, a barba hirsuta, mãos cadavericas, o corpo envolto em farrapos, vi-o hontem passar á minha porta, como a visão soturna da Dôr, como o espectro sinistro da Loucura.

Chamei-o:

— Que fôra feito do Rei dos Reis, do Chefe do Parnaso, do grande Apollo, o deus da Poesia?

E chorando, em lamentações de grande desgraçado, respondeu:

— Pégaso! unicamente Pégaso, o meu corssel ligeiro, o ginete mais estimado de quantos tem o Parnaso!

E explicou-me, muito baixo, em segredo:

— Não sabe? á ultima hora fez-se poeta!
Deu-lhe agora para fazer versos!

.....
E comprehendi então a sua tristeza, o motivo por que o vi hontem passar á minha porta naquelle estado triste, profundamente triste!

CANDIDO PENNA



Bibliographia



«RENASÇENÇA» — Anno I — N.º 1.

São directôres d'esta REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA, agora apparecida no Porto, litterario, o sr. Amadeu de Vasconcellos, artistico, o sr. Christiano de Carvalho.

TRAZ um magnifico retrato do exm.º sr. Eduardo de Artayett, esplendida PAYSAGEM DO CHOUFAL, (desenho de O. Monteiro) e no texto boa prosa de Felix de Magalhães, Diniz Neves, Henrique Pinto Ceelho, João Barreira e Eduardo de Artayett.

«A CONSTRUÇÃO» — Anno I — N.º 6 e 7.

Como sempre, CATITAS OS NUMEROS que acabamos de receber.

«NOVA ALVORADA» — Anno III — N.º 11.

Mais um numero da revista, mais um triumpho para Souza Fernandes.

E' ver o summaário:

UMA DIVIDA ANTIGA — Joaquim de Vasconcellos; SONETOS — Prospero Peragallo; DE MADRID — Joaquim de Araujo; EN MAI — Achille Millien; ACEICA DOS DISPERSOS — Camillo Castello Branco e Anthero de Quental; ESMOLA AOS DO NORDESTE! — Joaquim de Araujo; SONETILHO ANTIGO — Sebastião de Carvalho; ADEUS — Carlos de Lemos; PEQUENAS NOTAS — ***; PORTUGUEZES E INDIANAS — Marianno Gracías; O MOLLIRO — F. d'Oliveira; BIBLIOGRAPHIA — Da redacção.

CORREIO

Sr. Heitor Flavio. — Em primeiro logar, manda o nosso director que lhe agradeçamos, em seu nome, as phrases amaveis que lhe dirige na sua carta de 27 do p. p. mez de janeiro.

Em segundo... custa-nos até escrevel-o!... V. S. usou de tanta delicadeza... foi tão amavel...

Enfim, lá vae: contente-se com a generosidade do seu ENLEVO, do seu ADORNO (!!!), como lhe chama o sr., mas deixe-nos como a D. Ignez de Castro, que o Camões poz em socego, e que o sr. agora quer desencaminhar.

Deixe-se disso.

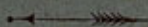
Sr. Constante leitor. — Não sabemos ao certo; parece-nos que por todo o fim d'este mez. Actualmente collabora n'«A LECTA», «A PATRIA», (de Lisboa) uma vez por outra n'«A REVISTA», de Paris, de que é director o exm.º sr. X. de Carvalho, e prometeu-nos collaboração para todos os numeros d'«A REACÇÃO». Quanto á terceira pergunta, não podemos prever; faltam-nos dados precisos; estamos exactamente como todo o mundo.

Sr. Ramos C. — E' dos primeiros poetas brazileiros. Si ainda não fallamos nelle, é que o reservamos para mais tarde, quando nos podermos occupar unicamente com elle. Por intermedio do França Amado, ou do Cabral mesmo poderá mandar vir.

Publicados tem: «CIRIACOS» (poesias), e da «COMEDIA ELEGANTE» os dous primeiros: «PIZZICATOS» e «DONA CARMEN».

Para breve «MENESTREL», terceiro da «COMEDIA», e em preparo «CIGARRAS», (poesias).

A REACÇÃO



PUBLICAÇÕES



PARA BREVE:

ALVA

(PROSAS)

de ALBERTO PINHEIRO

ASSIGNATURAS:

Serie de 12 numeros, 500 réis — Avulso. 50 réis

É nosso agente em Lisboa, á praça
de D. Pedro, 21, o ex.^{mo} sr. Julio Cezar
Vieira da Cruz (tabacaria «Monaco»).

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

ESTRADA DA BEIRA

COIMBRA

A REACÇÃO

REVISTA LITTERARIA

Director: — GUSTAVO SANTIAGO

1.^a Série

N.º 6

(3 DE ABRIL DE 1894)

SUMMARIO :

Bos — ARTHUR LOBO
Canção triste — COELHO NETTO
Nocturno — ALBERTO DE OLIVEIRA
Na brecha — CANDIDO PENNA
Prisioneiros — DEMETRIO TOLEDO
S. A. — G. S.
Pedro, o ferreiro (de D. Junior) — C. SOUSA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
COMPRA
4940-E

COIMBRA — Typ. de Luiz Cardoso, Sophia, 10 e 12.

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

Poetas e escriptores brasileiros



ARTHUR LOBO



COELHO NETTO



ALBERTO DE OLIVEIRA



DEMÉTRIO TOLEDO





BOS



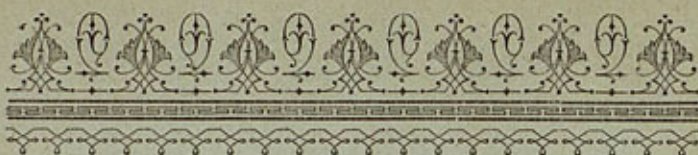
Docil, moroso, valido, nutrido,
á dubia luz da fresca madrugada,
eil-o que vai passando pela estrada,
grave e solemne, entre os canzis jungido.

Ouve-se em cima o trefego alarido
da melodiosa e alegre passarada.
E eil-o marchando, aos golpes da aguilhada,
a tardo passo, ao companheiro unido.

Mas, á hora solemne do sol posto
ouvil-o-heis, quando a luz no céo se afunda,
do monte sobre o pincaro transposto,

cheio de força e cheio de coragem
ainda... ouvil-o-heis erguer a voz profunda,
formidanda, pacifica e selvagem.

ARTHUR LOBO.



CANÇÃO TRISTE

(DOS MANUSCRIPTOS DE KARMA, POETA DO AMOR)



.....
— E' tua a vez, Nadir, disse Suliman, o nomade. Conta-nos alguma coisa.

As lendas do teu paiz são bellas como as fantasias do sol nos areaes.

Depois da historia de Medyrum, o cego, vê se nos dás uma canção de amor. Terás um bracelete de Golconda e um toucado de lã de cachemira.

Nadir, a bengalina, noiva do forte e generoso Achan, travou do repabil e começou o cantico dolente de Avyanath, a peregrina:

I

Tempo do myrtho, tempo das anemonas. Restéla o sol na cupula do templo. Zumbem pelos vergeis bandos de abelhas.

Quando Salem apparecia, todas as flores desabotoavam.

A boca de Salem era a colmeia; os dentes brancos, fulgidas abelhas; o beijo, mel; a voz, zum-bido; e todo elle um tronco esbelto de palmeira nova.

Avyanath, princeza e prophetisa, amava-o occultamente.

O colo de Salem, pastor de cabras, tinha o perfume agreste das balseiras, e, quando elle falava, era como se a briza sacudisse magnolias e jasmims.

II

Quando o avesso do azul, a treva escura, dilatou-se no espaço, Mahalaat, o rei negro, Mahalaat, o chefe barbaro, vendo Salem nos braços brancos da princeza, arrancou-o para todo o sempre ao amor, cravando-lhe no coração a cimitarra adunca.

Eis por que sempre Avyanath chorava quando volvia a noite. Chorava a triste, porque no coração da selva ella havia enterrado o coração do amante.

Alta noite, atravez dos bosques, caminhava. Ia pelas ravinas das montanhas, galgava penedias e valados, levando-lhe a tristissima saudade n'um calice de flôr.

N'um calice de flôr ella chorava — e as suas doces lagrimas sentidas mal cahiam na terra desappareciam pela sepultura.

De muito choro doloroso e triste já lhe escorriam lagrimas de sangue.

Olhos cerrados, roxos, denegridos! Olhos como um casal de conchas raras de onde estillava a purpura doida—pranto do coração, lagrimas puras.

Moças de mil aldeias, namoradas, traziam oblações de pranto á selva, traziam em calices de flôres — e vinham, pelo luar das noites mysteriosas, cantando idyllos tristes, molhar a sepultura.

Quantos amores! Quantos desesperos o coração sepulto absorvia: traições de amor, juras mentidas, agonias, esperanças e saudades.

«Salem, dizia Avyanath, Salem: Eu guardo-te as feições dentro em minh'alma como a mãe guarda o filho no seu ventre.

A vida é como o fluxo do mar: — Vai-se um prazer, vem outro, ainda mais outro... mas vida sem amor é um mar de gelo.»

III

«Avyanath, formosa, attende: — O amor é como o fluxo do mar — vai-se uma onda, vem outra, ainda mais outra. Salem dorme na selva e tu nas tendas...»

Já esqueceste o morto inteiramente. O inverno da tristeza entrou-te n'alma... buscaste a primavera em outro seio.

Andorinha do amor... o amor floresce...!

«Volta á selva, formosa!» E na tenda do chefe Mahalaat entrou uma das pombas do deserto:
«Vem comigo ao deserto — o amor floresce...»

IV

Na erma sepultura abandonada crescera um delicado arbusto — crivado o caule de milhões de espinhos e terminando em flôr.

Aryanath colheu uma das flores — flores setineas, petalas de sangue e todas, no feitio caprichoso, iguaes a um coração.

Um coração partido em mil pedaços vindos do coração sepulto. E no centro da flôr doirado pollen lembrava as tristes lagrimas levadas, em calices de flores, pelas moças enamoradas das aldeias.

V

Quando as rosas rescendiam, pelo vigor primaveril dos campos, Aryanath sahia da cidade. Ia pelos caminhos e veredas cantar o seu romance nos rosaes. Rosas, que brancas eram, se tingiam.

Pastores encontravam-n'a. E, se a viam as moças das aldeias, bailavam de contentes: Era o tempo das flores e dos beijos. Aryanath annunciava a primavera.

Louca, vagava pelos arredores. Passava em torno da cabeça rosas, rosas pelos quadris, rosas nos braços, dava rosas de esmola aos insensíveis, e, para alimentar-se, muitas vezes comia as rosas com que se enfeitava.

VI

Hoje ainda é uso nas aldeias a permuta das rosas entre os namorados — duas rosas, porém, n'uma só haste: elle e ella: Salem e Avyanathi, como symbolo do eterno amor das almas.

Rosa! coração aromalissimo, Rosa de lagrimas e de sangue... Flor alegre, flor triste... incomprehensivel flor do espinho e do perfume... por mais que te desfolhem, perseverante symbolo, em cada uma das tuas petalas ha sempre a margem meiga do coração partido...

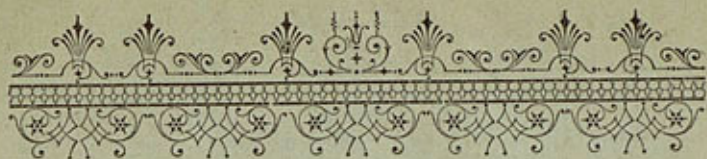
N'um beijo — como na petala de uma rosa existe o coração perfeito — a alma inteira palpita. . .

Bravo! applaudiram os nomades. Bravo! applaudiu Suliman!

Mas a historia que nos contaste nada tem de alegre, Nadir; não obstante aqui tens os teus presentes... E brandindo o alfange á luz que irradiava: A cavallo! bradou — a lua branca esmaece.

COELHO NETTO

(DRE «BALLADILHAS»)



NOCTURNO



Como a noite está fria ! A quando e quando
Dobram-se fóra as arvores com o vento;
Crescentes nuvens em compacto bando
Correm no firmamento.

Arde em meu quarto a lampada tardia.
Os meus livros me esperam... mas que importa...
Quero sonhar, ouvindo a ventania
—Espectro errante a soluçar-me á porta.

Meu amôr ! meu amôr ! em que abandono
Dormes ! que pedra aterradora em cima
Te puzeram, que em vão no eterno somno
A minha voz te anima ? !

Levaram-te: um caixão com taxas de ouro,
Um carro de ouro e crepe... horror infido!
E no caixão deitado um vulto louro,
Postas as mãos, dormindo.

—Acorda! acorda! A noite está tão fria!
—Mas escuto uma voz... é a voz da morta.
E' a voz da noite! é a voz da ventania
—Espectro errante a soluçar-me á porta.

ALBERTO DE OLIVEIRA





NA BRÉCHIA



Em festas a patria do chouriço!

Emfim, depois de longa gestação, deu á luz a montanha mais um ratinho.

Na confirmação plenaria das costumadas armandices, fallou o *ex.^{mo}* (papas de pão, agração, mel rosado . . .)

Não lhe bastavam as *navarraticas* theorias sobre arte, ou as *commodas piadas* scientificas, *orelhadas* em alguma meza de botequim.

Talentôso academico, em as eminencias de um bacharelato em qualquer cousa, com o 5.^o quasi pelas *ex.^{mas} costas*, retrucou, incapaz, entretanto da precisa coragem de o fazer directamente.

E é de ver a arrogancia, ineptamente, suinamente adiposa, do *reciteiro* de capa.

«No meu artigo precedente vem uma inexactidão, que, *comquanto nada influa para* a logica seriação das ideias n'elle contidas, convém comtudo corrigir, em homenagem á verdade, e para evitar dizeres da *vulpina solercia d'algum MECHERIQUEIRO mal intencionado.*»

E conclúe:

«; e só por lapso podia sahir, como sahiu, aquella inexactidão. »

Ora, depois do que ahi fica, eu podia perfeitamente deixal-o, como o outro, em paz e ás moscas.

Todavia, não o faço; prefiro incommodar-me ainda um pouco, a ver si lhe metto no bestunto o que os professôres não têm conseguido.

Demais, sou catholico, e não me ficaria bem, á certa, num dado momento, só pelo incommodo, furtar-me á practica de uma das obras de misericordia: ensinar aos ignorantes.

Pois, para principiar, notarei a palavra *meheriqueiro*.

Substantivo masculino, com a significação de *bisbilhoteiro*, podendo tambem ser um adjectivo, e, mais ou menos, com a mesma significação, deriva do subst. masculino *mexerico*, junctando-se-lhe o suffixo *eiro*, a denotar a qualidade.

Escreve-se com *x* e não com *ch*, como fez o *ex.^{mo}*

Segue-se agora—*comquanto nada influa para...*

Dous são aqui os erros: o subjunctivo *inflúa*, e a preposição *para*.

Segundo uma regra de grammatica, que quasi todos sabem, com excepção, sem dúvida, do *rochonchudo Papas*, quando a *acção é real, não duvidosa*, posto que traduzida em oração subordinada, ligada á principal por alguma das locuções *ainda que*, *posto que*, *comquanto*. . . . etc., o verbo desta, (da

subordinada) fica no indicativo, que nunca no subjunctivo.

O certo portanto, é *comquanto nada inflúe*.

Corrigido assim um dos erros, passo ao outro, não perdendo, no entanto, muito tempo.

O verbo *influir*, de significação *transitiva* ou *intransitiva*, conforme a accepção, em caso algum pede a preposição *para*.

«, e não para *influir como bica*. » (P. M. Bernardes.)

« *Influir piedosos accidentes . . .* »

(CAMÕES)

« e a *influir espiritos* »

(LAT. COELHO)

« *influíram no* »

(FR. FRANC. DE S. LUIZ)

« *influíram nos* »

(R. DA SILVA)

E mil outros exemplos.

E ali está como um *ex.^{mo}*, que a chouriçada brigantina, albardando de encomenda, tocou a caminho de Coimbra, na expectativa de não degenerar, segue daqui á tempos, *ze-guilhermemente* rotulado *Dr.*, com meia duzia de phrases banaes, apanhadas por traz de bastidores, a embasbacar, *nephelibaticamente* lórpa, os sete palmos de terra... merecidos.



Prisioneiros



A ave entre as outras de formoso bando,
mal pelo espaço despontava a auróra,
livres azas batia, céos em fóra,
livres cantos festivos entoando...

Vendo-a, meu coração também outr'ora,
descuidoso e feliz, ria zombando,
livre do amor, cujo terrível mando
em ancias de pezar a alma devora.

Tudo mudou.... A ave foi presa um dia
e aquelles livres cantos de alegria
perdeu, trocou por um cantar de dôr.

Meu peito já não zomba: é prisioneiro....
chora do ciume que o consome, inteiro,
— triste vestigio de perdido amôr!....

(DAS «RELIQUIAS»)

DEMETRIO TOLÉDO



S. A.

— 4 —

... simples iniciaes.

Um mundo de conjecturas através duas letras...

Myriades de pensamentos a debater, cada qual o mais extranho, em torno a duas sombras...

S. A.—a aurora ruborisando, leve, fimbrias de horisonte, a converter-se logo em terrorosa noite de trevas...

... o azul purissimo do céo toldando densa accumulacão de nuvens pejadas de electricidade...

... a esperanza illuminando, esplendida, as amplas possessões do Futuro, para mais tarde reverberar, esmaecida illusão, nas torvas paginas do Passado...

... o Beijo sonorizando recordaçoes: a crença perdendo-se no scepticismo...

... E como punge! e como a alma soffre, fibra por fibra disseccando, sentindo reviver todo um passado luminoso, entrecortado de risos, flôres e innocencia!...

.....

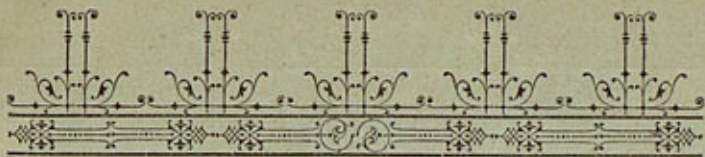
Felizes, vós, os que jámais amastes . . .
. . . Que tendo uma illusão perdida, moços
que sois, a vida embalais alimentando outras que
desvanecer-se-hão por sua vez! . . .

Felizes, vós todos que viveis, pensando no
Amanhã! que vos espera, procurando desvendar
nas brumas do Futuro um *quer que seja* a scintil-
lar como uma Esperança! . . .

.....

G. S.





PEDRO, O FERREIRO



(de DOMINGUES JUNIOR)

Conto, ou como lhe queiram chamar, tal qual o auctôr, preferimol-as, ás dezeseis páginas, denominadas *scenas da vida da provincia*.

Portuguez correntemente moderno, bem trabalhado, por vezes lembrando-nos Fialho, a prosa do sr. Domingues agrada.

Algo preciso na adjectivação, feliz no esquisar rápido de paisagens, no curto de um diálogo, revela-se-nos o auctôr do «*Pedro, o ferreiro*» um escriptôr, talvez, com a capacidade necessaria para trabalho de mais fôlego.

E, sinceramente, si de alguma cousa lhe pode servir o nosso conselho, aconselhamol-o a que se abalance a mais, não só que o genero escolhido tem sido bastante explorado, e por talentos privilegiados, como Fialho, Julio Diniz, etc., mas ainda que de dezeseis paginas de prosa, bem fraca é a avaliação que se póde fazer do mercimento de quem quer que o tem.

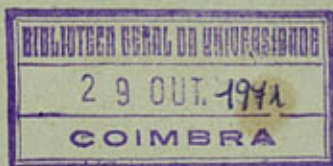
Demais, o conto é um genero ingrato; não dá margem a traços muito largos; e, quando, acaso, como parece pretender o sr. Domingues Junior, se pretende seguir as pégadas de um escriptôr como o auctôr d«*Os Gatos*», arisca-se a gente a *pastichal-o* ridiculamente, inconscientemente mesmo.

Por felicidade, entretanto, do sr. Domingues, tal se não dá; «*Pedro, o ferreiro*» está bem escripto, com estylo, tanto ou quanto, *afialhado*, mas, em todo o caso, proprio.

Agradecemos o exemplar que nos foi remetido; e contamos poder em breve, por completo, entusiasticamente, bater palmas ao sr. Domingues Junior.

U. DE SOUZA

M



Bibliographia

«REVISTA NOVA»—N.º 3—TOMO I.

Insero escritos de Alfredo Cunha, Alberto Pinheiro, Alfredo Mesquita, Adolpho Portella, e versos de M. Duarte d'Almeida, Alberto Osório de Castro; «BOLETIM BIBLIOGRAPHICO», e «GLOSSÁRIO TRASMONTANO», do sr. Augusto C. Moreno.

«CRENÇA & LETRAS»—3.ª série—N.º 1.

Summário:—«A Cruz Vermelha», P.º F. Patricio—«Patria» (poesia), A. Moreira Bello—«A evolução pela Cruz», dr. Montenegro—«A juventude e o tabaco», J. Oliveira—«Meditações», P. Antonio Hermano—«Acta Mensis», H.

«A ILLUSTRACÃO DA COSTURA»—Anno I—N.ºs 2, 3 e 4.

Summário:—Centro para almofada, a sêda de côres—Allegorias religiosas, a sêda de côres—Um porta-rélogio, para bordar a ouro—Bordado a ponto de marca—Medalhões para lenço—Caprichos a sêda de côres—Continuação de um alphabeto para lenços—Continuação de um alphabeto para travessieiras—Novo alphabeto para lenço ou toalha—Nomes para lenço—Monogrammas para lenço.

«EL TESTIGO FIEL»—Año III—N.º 22—Madrid.

Summário:—«¿Quando acabará la ignorancia!»—«Apologia de nuestros pasados dias»—«Interpretacion de «El Nuevo Testamento»—«Seccion de inspiracion»—«Dios en la ciencia y el alma en sus vuelos»—«Lo que dicen y cuanto hacen»—«Mala intención ó ignorancia suma»—«Al que habla mucho y malo»—«A los sectarios o adoradores de Ramón Chies»—«Nuestro juicio»—«Las profecias».

«A CONSTRUCCÃO»—Anno II—N.ºs 9 e 10.

Perfeitamente de accordo com o programma, já no cabal des-empenho que lhe vae dando, já na fórma brilhante por que o tem feito, «A CONSTRUCCÃO», numero a numero, faz-se credora da sympathia e auxilio que tem conquistado.

«PEQUENA REVISTA»—Série I—N.ºs 3 e 4.

«NOVA ALVORADA»—3.º anno—N.º 12.

Numero em homenagem ao infante D. Henrique.

A REACÇÃO



PUBLICAÇÕES



À venda nas principaes livrarias:

VERSOS INTIMOS

de LUIZ GUIMARÃES, filho

DRAMA ANTIGO

de MARIO ALVES

ASSIGNATURAS:

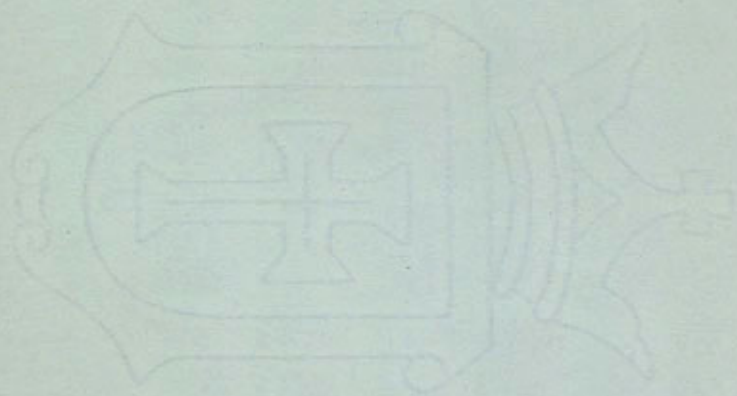
Serie de 12 numeros, 500 réis — Avulso, 50 réis

É nosso agente em Lisboa, á praça
de D. Pedro, 21, o ex.^{mo} sr. Julio Cezar
Vieira da Cruz (tabacaria «Monaco»).

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

ESTRADA DA BEIRA

COIMERA



Faint, illegible text or markings on the left side of the page, possibly bleed-through from the reverse side.

Faint, illegible text or markings on the left side of the page, possibly bleed-through from the reverse side.



